



SER PARA SOBREVIVER: HISTÓRIA DE PESSOAS IDOSAS EM SITUAÇÃO DE RUA

VINICIUS VIEIRA DA SILVA

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS E MULTIDISCIPLINARES

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Sociedade e Cooperação Internacional**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS E MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

**SER PARA SOBREVIVER: HISTÓRIA DE PESSOAS
IDOSAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

VINICIUS VIEIRA DA SILVA

ORIENTADORA: PROF. LEIDES BARROSO AZEVEDO MOURA



VINICIUS VIEIRA DA SILVA

**SER PARA SOBREVIVER: HISTÓRIAS DE PESSOAS IDOSAS
EM SITUAÇÃO DE RUA**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL COMO PARTE DOS REQUISÍTOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM DESENVOLVIMENTO SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.

Orientadora: Prof.Dra.Leides Barroso Azevedo Moura

BRASÍLIA-2025



SER PARA SOBREVIVER: HISTÓRIAS DE PESSOAS IDOSAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO DISTRITO-FEDERAL

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL COMO PARTE DOS REQUISÍTOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM DESENVOLVIMENTO SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL.

Dra. Leides Barroso Azevedo de Moura

Presidente

Dra. Grasielle Silveira Tavares

MEMBRO INTERNO -PPGDSCI UnB

Dr. Marcelo Pedra Martins Machado

MEMBRO EXTERNO- FIOCRUZ BRASÍLIA

Dr. Urânia Flores da Cruz Freitas

SUPLENTE – CEAM UnB



FICHA CATALOGRÁFICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

BRASÍLIA-2025



Dedico este trabalho à meus queridos pais Carlos e Gislene, meu irmão Vitor meus avôs Miguel e Francisca †, Maria e Baltazar † e a todos aqueles que sempre torcerem e torcem por mim...



AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram e estiveram comigo nessa caminhada.

À Prof^a.Dr^a.Leides Barroso Azevedo Moura, pelo carinho, sensibilidade, parceria e sorrisos, agradeço por sempre ter me apoiado e contribuído com meu crescimento profissional e pessoal, por inspirar e me fazer acreditar que todos somos capazes.

Ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional por abrir caminhos, incentivar e lançar pesquisadores de excelência para discussões, debates e produções em diversos âmbitos acadêmicos e da vida.

As minhas queridas afilhadas Isabela e Luiza, por sempre estarem comigo em momentos especiais da minha vida e compreenderem certas ausências ao longo dessa minha trajetória.

As diversas amizades que pude construir pelo Mestrado, em especial Vanessa, Denise e Cristina e tantos outros colegas e professores do grupo de pesquisa, certo de que somos incansáveis na busca pelo que queremos e sempre na certeza de estarmos fortalecendo um ao outro.

Agradeço também a Prefeitura Municipal de Paracatu, Minas Gerais, vínculo profissional ao qual me encontro atualmente, onde desde o início nessa nova jornada mesmo a 240km de distância da Universidade de Brasília, pude ser acolhido e incentivado a concluir meus estudos e projetos.



"Falar sobre inclusão (prefiro dizer inclusão a diversidade) é só uma moda? Ou vai se tornar o padrão entendermos que somos todos parte da narrativa, que todas as nossas histórias merecem ser contadas?"

Viola Davis



RESUMO

INTRODUÇÃO A vivência na rua não tem sido algo isolado. Desemprego, alcoolismo e drogas tem sido destaques em várias pesquisas demonstrando como indutores para essas pessoas estarem nessa condição de rua, entendendo que em sua grande maioria há uma longa trajetória de vida nessa condição, demonstrando que com o passar dos anos, essas pessoas também estão envelhecendo e se tornando idosas nas ruas, e que as condições de moradia e vida dessas pessoas são precárias, e afetarão diretamente nas condições de seu envelhecimento

OBJETIVO Analisar o cenário contemporâneo da população idosa em situação de rua no Brasil e no Distrito-Federal

METODO A pesquisa de abordagem mista, do tipo transversal de natureza analítica procura captar a particularidade e as vivencias que é singular de cada pessoa em contextos heterogêneos da situação de rua, bem como descrever a magnitude no problema apresentada nas bases de dados dos estudos populacionais, a fim de melhor compreender as múltiplas dimensões e contexto de vida das pessoas idosas em situação de rua, os inversos e contrapontos da cidadania negada narrados pelos participantes do estudo

RESULTADOS: Através da investigação dessa pesquisa observou-se nos achados que o processo de envelhecimento das pessoas idosas em situação de rua é marcado por complexos processos de vida nas ruas onde envelhecer vai para além do enfraquecimento do corpo físico , mas marcado por quebra de relações sociais, adoecimentos mentais e negação de direitos. Neste estudo foram entrevistadas 9 pessoas idosas em situação de rua que se propuseram a compartilhar suas histórias e opiniões a cerca do tema.

CONCLUSÃO: O presente estudo demonstrou a ineficiência ou ausência de dados, leis, políticas e ações mais aprofundadas que caracterizam e discutam a realidade de pessoas idosas em situação de rua, mas que ao mesmo tempo traz a realidade por discursos, falas e pensamentos através das entrevistas realizadas, o que é ser pessoa idosa e estar morando nas ruas da capital do país.



ABSTRACT

INTRODUCTION Living on the streets has not been an isolated experience. Unemployment, alcoholism and drug addiction have been highlighted in several studies demonstrating how they induce these people to be in this condition of homelessness, understanding that the vast majority have a long life trajectory in this condition, demonstrating that as the years go by, these people are also aging and becoming older people on the streets, and that the housing and living conditions of these people are precarious, and will directly affect the conditions of their aging.

OBJECTIVE Analyze the contemporary scenario of the homeless elderly population in Brazil and the Federal District

METHOD The mixed approach research, of the cross-sectional type of analytical nature, seeks to capture the particularity and experiences that are unique to each person in heterogeneous contexts of the situation of homelessness, as well as to describe the magnitude of the problem presented in the databases of population studies, in order to better understand the multiple dimensions and context of life of older adult living on the streets, the inverses and counterpoints of denied citizenship narrated by the study participants

RESULTS: Through the investigation of this research, it was observed in the findings that the aging process of older people living on the streets is marked by complex processes of life on the streets where aging goes beyond the weakening of the physical body, but is marked by the breakdown of social relationships, mental illness and denial of rights. In this study, older people living on the streets were interviewed who offered to share their stories and opinions on the subject.

CONCLUSION: This study demonstrated the inefficiency or absence of data, laws, policies and more in-depth actions that characterize and discuss the reality of older persons living on the streets, but which at the same time brings the reality through discourses, speeches and thoughts through the interviews conducted, what it is like to be an older adult and live on the streets of the country's capital.



LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1- PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRUPOS ETÁRIOS ESPECÍFICOS NO BRASIL-1980/2022----- | 30 |
| TABELA 2- ACHADOS CATEGORIZADOS POR BASE DE DADOS ----- | 40 |
| TABELA.3 DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS POR CATEGORIA----- | 43 |
| TABELA 4. DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES----- | 60 |



LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- PERCENTUAL DE MULHERES E HOMENS POR GRUPOS ETÁRIOS----- 32



LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. PERFIL POR IDADE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NO DISTRITO-FEDERAL ACIMA DOS 60 ANOS----- 33

QUADRO 2. EXPOSIÇÃO DAS PRINCIPAIS PERGUNTAS ATENTANDO A METODOLOGIA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE DE THOMPSON-----64



LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1. FIGURA 1. IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDOS PELAS BASES DE DADOS----- | 41 |
| FIGURA 2. FORMAS DE INVESTIGACAO HERMENEUTICAS ----- | 55 |
| FIGURA 3-FLUXOGRAMA DO PASSO A PASSO: DA ENTREVISTA A ANÁLISE DOS DADOS----- | 57 |



LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|------|--|
| DF | DISTRITO FEDERAL |
| IBGE | INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA |
| MST | MOVIMENTO SEM TERRA |
| PSR | PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA |
| TCLE | TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO |



TRAJETORIA DO PESQUISADOR.....09

ARCABOUÇO TEÓRICO

| | |
|---|----|
| - INTRODUÇÃO..... | 10 |
| - SOCIEDADE: REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES | 15 |
| - INTERSECSIONALIDADE E APOROFOBIA | 18 |
| - POLÍTICAS PÚBLICAS, PESSOAS IDOSAS E VULNERABILIDADES | 21 |

OBJETIVO.24

PERCURSO METODOLÓGICO

| | |
|--|----|
| -PARTICIPANTES DA PESQUISA | 28 |
| -COLETA DE DADOS | 28 |
| -RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR | 29 |
| -LIMITES E REPERCUSOES DA PESQUISA | 29 |

PRIMEIROS ACHADOS

| | |
|---|----|
| - POPULAÇÃO IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA EM NÚMEROS? | 30 |
| - PROCESSO DE ENVELHECIMENTO POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE ESCOPO | 35 |

HISTÓRIA DAS RUAS

| | |
|---|----|
| - ESCOLHA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE 52 | |
| - NARRATIVA SÓCIO-HISTÓRICA, SEGUNDA A PRIMEIRA FASE DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIDADE PROPOSTA POR THOMPSON | 62 |
| - SEGUNDA FASE: ANÁLISE DISCURSIVA DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIDADE PROPOSTA POR THOMPSON..... | 71 |
| - FASE DE INTERPRETAÇÃO OU RE-INTERPRETAÇÃO DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIADE | 80 |

VIVÊNCIAS DA PESQUISA POR INTERMEDIO DA FOTOGRAFIA85

| | |
|-----------------------------------|----|
| LIMITAÇÕES DO ESTUDO | 97 |
| CONSIDERACOES FINAIS | 98 |
| REFERENCIAS 90 | |

ANEXO100



TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Sou Vinicius Vieira da Silva, enfermeiro com bacharel pela Universidade do Distrito Federal (2017-2021), durante esse período ingressei em projetos de extensão, trabalhos voluntários dentro e para o sistema único de saúde, bem como participação no programa de iniciação científica da instituição com pesquisa voltada a temática de gênero e sexualidade na população em situação de rua.

Pós-graduado em urgência e emergência, docência do ensino superior e especialista em centro-cirúrgico pela residência da secretaria de saúde do Distrito-Federal, e dando continuidade a parte acadêmica ingresso no Mestrado de Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília ao qual me vínculo como mestrando desde 1 semestre de 2023, somando aos estudos sobre população em situação de rua agora com foco para o processo de envelhecimento desse público.

Atualmente contribuindo com os meus propósitos de pesquisa estando vinculado ao projeto do Grupo de Pesquisa Envelhecer Cotidiano (www.envelhecercotidiano) criado desde 2020 que objetiva captar histórias de vida de pessoas idosas, a partir dos pressupostos teóricos da interseccionalidade entre racismo estrutural, gênero e idadismo; analisar conceitos e programas para educação intergeracional; Explorar experiências brasileiras com a Política do Centro Dia e Centros de Convivência Intergeracional, explorar a questão do envelhecimento e participação social de idosos octogenários; articular a indissociabilidade entre ensino-pesquisa e o Projeto de Extensão de Ação Continuada (PEAC) "Construindo uma universidade para todas as idades" e o Programa de Extensão Envelhecimento Saudável e Participativo com cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde..

INTRODUÇÃO

Pessoas com 60 anos ou mais tem sido uma realidade crescente cada vez maior no Brasil, efeito este observado pela transição demográfica, onde é percebido essa diminuição em relação ao grupo de crianças e aumento da população idosa. Alcançar a longevidade tem sido pauta de grandes discussões na busca em melhor compreende-la dentro do processo do envelhecimento, uma vez que se tornou mais frequente na população independente de doenças associadas ou não (Willing, Lenardt, Caldas, 2015). Importante salientar nesse a importância de um olhar mais atento da população com esse novo perfil demográfico crescente, necessitando assim de mudanças de comportamento para com essas pessoas visando uma atenção especial, estimulando sua cidadania, autonomia e bem-estar (Oliveira, 2019).

Segundo o Estatuto da Pessoa Idosa (2003), considera-se pessoa idosa com idade igual ou superior a 60 anos, tendo o processo de envelhecimento interpretado como individual e multifatorial, acrescenta-se que nesta faixa etária é mais presente o aparecimento de doenças em especial as crônicas, porém a saúde dessa população está ancorada em uma perspectiva que deva ser interpretada através da capacidade individual de satisfação de suas necessidades biopisociais, onde ter ou não ter doenças ou se é mais velho ou mais novo independe, uma vez que indivíduos diagnosticados com a mesma doença possuem capacidades funcionais distintas um do outro, caracterizando-os como únicos (Nota técnica, 2019).

Entender o processo de envelhecimento é de fundamental importância para validar e buscar compreender todo o percurso de vida da pessoa idosa e nesse sentido a Organização Mundial da Saúde (2015), traz a definição normativa do envelhecimento saudável tido como um “processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar na idade avançada”, entendo que essa definição é abrangente e integra uma análise ao longo do curso de vida desse grupo populacional uma vez que seu propósito vai ao encontro a um envelhecimento que seja vivenciado da melhor forma possível (Tavares et al, 2017), mas considerando o ambiente, as capacidades intrínsecas e extrínsecas das pessoas idosas (OMS, 2023).



É fato que a velhice não se resume a uma única simples definição, uma vez que deva ser interpretada como um fenômeno biológico, psicológico e social (Fernandes, Raizer, Bretas, 2007), (Bretas, 2010), visto que o Brasil transita por diferentes realidades, vulnerabilidades e condições sociais voltadas a pessoa idosa, como carência de serviços básicos essenciais, relacionados a saúde e a assistência social (Frias et al,2014).

Fernandes, Raizer e Bretas (2007) reforçam que *“O lugar que o indivíduo ocupa na sociedade interfere na maneira como obtém condições para manejear o cuidado que dispensa a si”*, e nesse sentido é trago a pessoa idosa em situação de rua que é duplamente excluída, por ser uma pessoa idosa e por estar em uma situação de moradia não convencional tendo a rua como seu meio de sobrevivência.

“Entende-se por situação de rua o processo de rualização no qual o individuo que, por não possuir uma moradia fixa, habita transitoriamente diversos logradouros públicos, albergues ou pensões. Portanto, essa expressão é utilizada para enfatizar o aspecto processual da passagem pela rua como um momento da biografia individual e não como um estado permanente” (Mattos, 2003, p.2).

A condição das pessoas em situação de rua, expressa a falência dessa sociedade onde o capitalismo impera e demarca uma profunda desigualdade social (Oliveira e Martins,2022) reafirmando a invisibilidade desse público em especial as pessoas idosas que enfrentam uma dupla vulnerabilidade por conta da idade e por estar em condições precarizadas de vida (Brêtas et al,2010).

Uma vez compreendido essas questões estruturantes que perpassam o envelhecer nas ruas, muito se relaciona com os pensamentos trazidos por Milton Santos (1977), onde ele traz a concepção de cidadania mutilada justificando que classes inferiorizadas não tem o direito de ser cidadão por um processo histórico de luta de classes dominantes no país, onde há uma hierarquia predominante com poder.

“Cidadania mutilada no trabalho, através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção. Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia. Cidadania mutilada na circulação”. (Santos, 1977, p.133,)



A pluralidade étnico racial dos povos, característica histórica do território brasileiro, demarca o quanto plural são seus habitantes e demonstram a importância de se discutir diferenças étnicas, de classe, gênero e religião. Na tentativa de explorar um pouco mais quem são as pessoas em situação de rua um grande relatório utilizando bases de dados já existentes, feita pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (Brasil,2023), identifica essas pessoas a nível nacional como majoritariamente do sexo masculino, em idade adulta e autodeclarados como negros, último fato este que corrobora com um pensamento extremamente discriminatório onde pessoas negras são tidas como violentos e inconfiáveis (Almeida,2019).

Segundo Almeida (2019) “ A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados.” Validando assim o pensamento de Moratelli (2021) onde se proteja na ideia de que a pessoa negra ainda é uma questão por diversas facetas mal resolvidas socialmente, e que muito se distancia quando o assunto é a questão de pessoas idosa negra, como uma espécie de negação a possibilidade do envelhecimento entre negros.

A vivência na rua não tem sido algo isolado. Desemprego, alcoolismo e drogas tem sido destaques em várias pesquisas demonstrando como indutores para essas pessoas estarem nessa condição de rua, entendendo que em sua grande maioria há uma longa trajetória de vida nessa condição, demonstrando que com o passar dos anos, essas pessoas também estão envelhecendo e se tornando idosas nas ruas, e que as condições de moradia e vida dessas pessoas são precárias, e afetarão diretamente nas condições de seu envelhecimento, bem como nas questões relacionadas a saúde física e mental (Moreira e Hack,2021).

A rua pode ser percebida como expressão e vivência da liberdade, mas que ao mesmo tempo aprisiona, exclui e consequentemente separa, uma vez que as pessoas ficam expostas a todos os olhares, porém essa visibilidade que escancara e exterioriza a vulnerabilidade humana das pessoas em situação de rua, pode ser vista como invisibilidade, pela rejeição e estranhamento da sociedade com esse público. (Andrade; Costa, Marquetti,2014).

Considerando a ideia de que essa liberdade possa ser questionável, Angela Davis (2022), traz a seguinte reflexão *“A ideia de liberdade é inspiradora. Mas o que isso significa? Se você é livre em um sentido político, mas não tem comida, o que é isso? A liberdade de morrer de fome? ”*. Onde uma população tida como “livre” sofre de insegurança alimentar, violências, cuidados básicos precários e violação de direitos...



As nuances da rua se transformam de acordo com o contexto e com quem as vivencia em prol da sobrevivência humana, no livro quarto de despejo de Carolina de Jesus (1977), essas vias apresentam aspectos tal como se é vivido pelas pessoas em situação de rua, como local de trabalho, encontro, lazer, instrumento político, refúgio, local que acolhe, controla e gera conflitos, mas que não deixa de expor a miséria humana ‘’[...]No Frigorífico eles não põe mais lixo na rua por causa das mulheres que catavam carne podre para comer.’’ (Jesus, 1977, p.103).

O aumento das pessoas em situação de rua não é algo pontual, mas histórico ao longo do tempo que mesmo com o passar dos anos ainda enfrenta situações de violência, miséria e inutilidade social, dificultando até mesmo quando se fala em censos demográficos e dados estatísticos para identificação dessa população uma vez que o Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE fundamentalmente coleta dados da população domiciliada (Paiva, 2016)

Direitos básicos e fundamentais reforçam a ideia de não pertencimento a uma cidadania plena por parte das pessoas em situação de rua, característica essa que vem sendo discutida amplamente pelos movimentos sociais pela garantia dos mesmos para que essa condição não caia na naturalização da desigualdade de direitos como comenta Carneiro (2011), onde provoca que alguns grupos sociais são tidos como mais ou menos humanos, sendo este segundo grupo desfavorecido por um imaginário social de portadores de humanidade incompleta.

Vale ressaltar a importância da Constituição Federal para validação da existência desse público enquanto pertencente a uma sociedade onde conforme exposto no título II, capítulo I e artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade.” (Brasil, 1988, n.p.)

Sendo assim, se faz necessário explorar a fundo a percepção das pessoas idosas em situação de rua sobre suas condições de vida, direitos e interação com o meio, permitindo um tratamento digno e respeitoso para estimular a mudança do olhar estigmatizado com vistas a promoção de estratégias políticas e governamentais para esse público (Mattos, 2016).

Para tanto objetiva-se com este estudo de forma geral analisar o contexto brasileiro do grupo populacional de pessoas idosas em situação de rua, segundo aspectos históricos, culturais, e da vivência de um cotidiano ainda pouco conhecido, de forma a explorar, as dimensões sociais e históricos de vida por intermédio do método da história de vida



Justifica-se como de extrema importância a realização de pesquisas que busquem compreender em uma ampla perspectiva sobre a vida das pessoas idosas em situação de rua e de que forma se dá suas interações com a comunidade, visto que este público apresenta características específicas (Pilger, Menon e Mathias, 2011).



SOCIEDADE: REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES

A construção social assim como as fases do curso da vida, associa-se a um corpo que ocupa um espaço no tempo, advém de uma construção no interior da cultura que o produz, onde a sociedade marca pertencimento ou exclusões para a construção de sua identidade (Santos e Damico, 2009).

E quando esse corpo se depara com o envelhecimento, o indivíduo é desafiado a lidar consigo, e principalmente com o meio para superação de crenças limitantes (Minó e Melo, 2021), onde ser uma pessoa idosa em uma sociedade pode ser vista como benesse da mesma, ou um problema social.

Segundo Darcy Ribeiro (1995) a sociedade é estratificada por classes que segundo ele se caracterizam em dominantes, setores intermediários, subalternos e de oprimidos onde cada uma ocupa seu papel na sociedade para manutenção de um modelo social. A classe dominante segundo ele detém o poder que é mantido pelas outras classes em especial a dos intermediários que apesar de agravar as tensões sociais mantém a ordem no sistema.

Já os subalternos estão presentes na vida social, compõem o sistema produtivo e se incorpora ao papel de consumidores pelas suas próprias necessidades e por fim o último estrato é o da classe de oprimidos que segundo ele são os excluídos da vida social mas que tem um papel fundamental para transformação de uma sociedade por carregarem consigo a luta dos explorados e oprimidos e o entendimento que para integrar de fato a vida social é necessário um rompimento da estrutura de classes (Ribeiro, 1995).

Historicamente grupos reconhecidamente desfavorecidos são deslegitimados em relação aos seus saberes produzidos, porém são com esses grupos onde há lugares para pensar em uma nova configuração de mundo por outros olhares e geografias (Ribeiro, 2017). Mundo este que quer enquadrar as pessoas em situação de rua, que segundo Silva e Brito (2022) a sociedade tipifica essas pessoas como “[...] vagabunda, suja, louca, perigosa e coitada...” , ao passo que ao mesmo tempo exclui decisivamente essas pessoas tidas como “anormais contemporâneos” (Mattos e Ferreira, 2004).

Situação que agrava quando mencionado as pessoas idosas em situação de rua, que sabidamente sofrem por negligência de direitos como habitação, lazer e alimentação saudável, questões essas estruturantes de um modelo de globalização que exclui os sem capital, os que não tem acesso a água potável, cultura, lazer e que sabidamente estão em desvantagens para competir no



mercado de trabalho corroborando assim com a falta de condições para uma vida mais longa (Abreu,2013).

O processo de privatização dos espaços públicos também contribui para a segregação e isolamento social com esse público demarcando e de certa forma impedindo o direito de ir e vir, delimitando casa e rua, público e privado, centro e periferia para que as ruas não se tornem local de “ameaça a segurança” (Kunz, Heckert e Carvalho,2014).

Segundo Bonicenha (2021) o envelhecimento é notado por uma heterogeneidade de velhices, e que o local onde se vive vai induzir questões relacionadas a transporte, serviços socioassistenciais, infraestrutura e até saúde e que características físicas, qualidade da moradia, localização e aspectos da própria comunidade vão impactar direta ou indiretamente na saúde das populações que nesses locais habitam.

“Com efeito, no Brasil, as classes ricas e as pobres se separam umas das outras por distâncias sociais e culturais quase tão grandes quanto as que medeiam entre povos distintos. Ao vigor físico, à longevidade, à beleza dos poucos situados no ápice - como expressão do usufruto da riqueza social - se contrapõe a fraqueza, a enfermidade, o envelhecimento precoce [...]” (Ribeiro, 1995, p.89).

Uma vez que a população em situação de rua é destruída de seus direitos básicos e mínimos, reforçados por simbolismos preexistentes socialmente, há uma invisibilidade por parte do Estado e pela própria produção acadêmica. E tendo essa cidadania negada, infelizmente esse público só se torna visível quando “vira um incomodo”, demandando ações violentas do poder público orientadas pelo higienismo social (Nunes, Senna e Cinacchi,2022).

As condições econômicas e o contexto social ao qual essas pessoas vivem influem na complexidade do viver em comunidade, ressaltando ainda a condição da pessoa idosa em situação de rua como excluído de muitos ganhos civilizatórios aos quais não o valorizem enquanto sujeito, pelo fato de não possuir nenhum capital social ou simbólico, reforçando assim para um processo de envelhecimento marcado pelo enfraquecimento de relações sociais, e do corpo físico e psíquico (Broide,2021).



Uma vez que o estatuto da pessoa Idosa, que determina ao Estado promover a proteção a vida e a saúde em prol de um envelhecimento digno sustentado por políticas públicas, evidencia-se que essa mesma autoridade junta a sociedade se mostra despreparados para validação dos preceitos legais em dar suporte a manutenção mínima as necessidades básicas de vida dessas pessoas, escancarando a miserabilidade e o abono com essas pessoas (Gusmão et al,2012).

Sendo assim, é essencial que a sociedade tome consciência e faça parte dessa luta em busca de direitos para as pessoas em situação de rua, e em especial as pessoas idosas nessa condição. E como possibilidade de saída das ruas, políticas publicas que auxiliem na construção de projetos de vida, e ressocialização em sociedade, sendo necessário uma rede de apoio e fortalecimento social (Souza; Araújo, 2007).



INTERSECCIONALIDADE E APOROFOBIA

É possível de se afirmar que pobreza tem cor no Brasil, e nesse sentido, raça ou cor estão intimamente ligados quando relacionados a preconceito, discriminação e distribuição do poder na sociedade onde ser negro ou branco implica em diferenças de tratamento, ao critério estético ou até mesmo no acesso ao mercado de trabalho, tornando essas identificações como parte do processo de formação das diferenças sociais (Aguiar,2007).

Pensar em gênero, raça e classe conversa com o conceito de interseccionalidade, tida como uma ferramenta analítica que busca melhor compreender o mundo e suas relações que também vão de encontro a questões de orientação sexual, nacionalidade, faixa etária e etnia dentre várias outras, de forma a investigar as relações sociais em sociedade marcadas pela diversidade (Collins,2020).

“Ao focar raça, gênero, idade e estatuto de cidadania, a interseccionalidade muda a forma como pensamos emprego, renda e riqueza, todos os principais indicadores de desigualdade econômica. Por exemplo, as diferenças de renda que acompanham as práticas de contratação, segurança no trabalho, benefícios relativos à aposentadoria, benefícios relativos à saúde e escalas salariais no mercado de trabalho não incidem da mesma maneira sobre os grupos sociais. Pessoas negras, mulheres, jovens, residentes de zonas rurais, pessoas sem documentos e pessoas com capacidades diferentes enfrentam barreiras para ter acesso a empregos seguros, bem remunerados e com benefícios” (Collins,2020, p.34).

Fome, precariedade da moradia, insegurança alimentar, incidência de doenças entre diversos outros fatores atormentam populações vulnerabilizadas, em maior grau a população negra brasileira, mesmo em tempos modernos constitucionais de valorização a proteção social e cidadania, impondo a esse grupo populacional já devastado com tamanha desigualdade social, um lugar de subalternidade perante a sociedade reproduzindo-se entre outros grupos como as pessoas em situação de rua (Oliveira, Martins,2022).

Traçando um perfil para as pessoas em situação de rua, fica claro desde as tentativas de um Censo Nacional que quantifica essas pessoas até os dias de hoje que se trata de um grupo majoritariamente do sexo masculino, em idade adulta e negro (Brasil,2023), confirmando que questões interseccionais dialogam com a temática.

Assim sendo, infere-se ao conceito de interseccionalidade a necessidade de melhor compreender o fenômeno das pessoas em situação de rua onde marcadores sociais e identitários são capazes de transmitir sujeições, entendo que há uma correlação entre raça e pobreza que intensifica



a condições de vida dos sujeitos, e que essa análise deva compreender as diversas outras dimensões ao qual esse grupo está submetido e aprisionado ao mesmo tempo como na saúde e educação por exemplo (Lima et al,2023).

Marcadores sociais de gênero, raça , religião , território contribuem para dizeres sobre o envelhecimento que culmina por vezes em discursos dos opressores que a definem, e cabe o questionamento de porque muitas pessoas e grupos simplesmente não conseguem envelhecer e chegar ao marco dos seus 60 anos, por outro lado as velhices brancas de classe alta, reafirmam seus direitos e evidenciam cuidado a si nessa fase da vida , marcando mais uma vez que grupos menorizados sofrem sem direitos e com profundas dores físicas e sociais na tentativa de chegar a velhice (Kalache, 2023.)

Buscando compreender melhor as questões que perpassam as pessoas em situação de rua e seu impacto no processo de envelhecimento soma-se ao conceito de interseccionalidade uma questão bastante discutida nos fóruns e movimentos sociais das pessoas em situação de rua que é o termo aporofobia, termo bastante recente que deriva de duas palavras gregas “aporos” que significa “sem recursos” e “fobos” que significa “medo” ou “aversión” (Silva e Neto,2024).

As definições trazidas pelo termo aporofobia segundo Cortina (2000,2017,2020), destacam processos estigmatizantes, preconceitos, atitudes negativas com indivíduos pertencentes a grupos não privilegiados socialmente e que permeia de situações devastadoras a vida como violência, negação de direitos e oportunidades de acesso a serviços.

A exemplo as ações tidas como de arquitetura hostil ou de exclusão se repercutem nos dias de hoje trazendo o imaginário da elite nacional preocupada em combater os “problemas sociais” da população mais pobre por acreditar que a ocupação dessas pessoas nos grandes centros urbanos gera uma perturbação na vida em sociedade (Toloni e Bolandim, 2024).

Somando ao discutido anteriormente sobre questões interseccionais e aporofobia e suas influências, fica ainda mais evidente e escancarado quando mencionado o recorte de pessoas idosas que vivem nas ruas, duplamente vulnerabilizadas e desprovidas de direitos e condições dignas a vida,

onde a longevidade se torna um desafio, uma vez que o ciclo vital e as oportunidades que surgem ao longo da vida influenciam nesse processo que ao mesmo tempo é sombrio por ser um tema sensível complexo e que carrega um marco de desprezo contra essas pessoas, retirando o sentido de humanidade (Carvalho, 2021).



É urgente a necessidade de proteção as pessoas idosas em situação de rua, uma vez que a trajetória de vida dessas pessoas, pensando em processo de envelhecimento , torna esse corpo humano mais frágil e dependente de cuidados onde ações de enfretamento a discriminação, a exclusão e violência precisam ser tomadas uma vez que o processo de envelhecimento deva levar em contra múltiplas dimensões pensando em valorização humana e fortalecimento das capacidades individuais (Fermentão , Siqueira e Andrecioli, 2024).



POLÍTICAS PÚBLICAS, PESSOAS IDOSAS E VULNERABILIDADES

Pela necessidade de garantir acesso, de forma intersetorial integrando serviços e por ações governamentais, instituiu-se em 2009 a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), entendendo que este grupo como trazido pela própria lei que a rege, determina e tipifica essas pessoas em algumas temáticas que se articulam entre si como: grupo heterogêneo, pobreza extrema, vínculos familiares fragilizados e inexistência de moradia (Oliveira e Guizard, 2020).

Após dois anos de criação dessa política e com necessidade de fortalecimento intersetorial com as demais, uma delas, a Política Nacional de Atenção Básica, por exemplo, criou as equipes de consultório na rua como dispositivo para melhor acolhimento, vinculação e integração as políticas de saúde e na tentativa de romper barreiras de acesso, indo *in loco* as diversas necessidades por meio de atendimento de saúde a essas pessoas em situação precarizada de vida (Oliveira e Guizard, 2020).

Vale ressaltar que os caminhos assumidos e criados com essas políticas são envoltos de muitas histórias de lutas políticas, principalmente as dos movimentos sociais onde pensar em instrumentos políticos para as pessoas em situação de rua, forjam-se na ausência das demais políticas como econômica, habitacional, educacional dentre outras (Oliveira, 2018).

Outro instrumento político de grande valia é a inserção dos serviços socioassistenciais nos territórios, buscando escutar e acolher as demandas da população, identificando violências como a própria violação de direitos e falta de acesso a políticas públicas, e assim, de mas uma das necessidade e buscando melhor atendimento a esse público em 2010 inicia-se o processo de implantação dos Centros de Referencia Especializados para pessoas em situação de rua- Centro Pop, unidade pública com especificidades e serviços diretos as pessoas em situação de rua (Gomes e Vidal, 2013).

Visto pelo olhar das políticas habitacionais, um grande avanço recente inclui as pessoas em situação de rua como grupo prioritário ao programa Minha Casa Minha Vida, buscando efetivar o direito a cidade, moradia a todas as famílias, de forma a buscar a redução de vulnerabilidades e o aumento a qualidade de vida onde segundo o “Art. 8º Serão priorizadas, para fins de atendimento a provisão subsidiada de unidades habitacionais com o emprego de dotação orçamentária da União e com recursos do FNHIS, do FAR ou do FDS, as famílias: VI - em situação de rua [...]” (Brasil, 2023).



Outro grande marco para a população em situação de rua no ano de 2024 foi de Instituir a Política Nacional de Trabalho, Digno e Cidadania para a População em Situação de Rua-PSR, tendo em vista a dificuldade trabalhista e a grande questão de geração de renda para essas pessoas que majoritariamente é advinda de trabalhos informais.

Superar o preconceito, o idadismo, o sexismo, a aversão pelos olhares aporofóbicos e a negação de direitos ainda é um longo caminho a ser percorrido pelas pessoas em situação de rua, apesar de grandes lutas e conquistas históricas que essa população vem alcançando ainda é mínimo perto de um modelo de sociedade que preze por garantia de direitos, inclusão e sociabilidade.

Diante de todos os feitos relatados quanto políticas públicas efetivadas, dentre várias outras, fica uma grande questão, e as pessoas idosas em situação de rua? e o processo de envelhecimento nas ruas? Existe políticas direcionadas a esse público? Todas essas ferramentas governamentais citadas anteriormente carregam uma questão muito peculiar em comum, o apagamento de pessoas com a idade de sessenta anos ou mais, ou que simplesmente estão vivenciando o envelhecer nas ruas...

É preocupante a não menção de políticas e ações práticas direcionadas as pessoas idosas em situação de rua e processo de envelhecimento vivenciado por elas nas ruas, uma vez que pela própria bancada acadêmica é sabido dos poucos dados em relação a essa parcela de pessoas que é menor e altamente invisibilizada, e ainda já discutido a questão da dupla vulnerabilidade em ser pessoa idosa e estar nas ruas.

O Estatuto da Pessoa Idosa (2003), é bem claro quando menciona no Capítulo 1 do direito à vida:

"Art. 8º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente."

'Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade."



É fato que o processo do envelhecer irá corroborar com mudanças funcionais no curso do tempo de vida de cada um, mas essas limitações não significam o fim, muito menos impossibilitando o ser humano de desenvolver suas plenas capacidades em vida, não somente físicas, mas sobretudo psíquicas e sociais (Moragas ,1997).

Pensar em pessoas idosas em situação de rua é sim complexo e desafiador, mas ao mesmo tempo sensível em perceber a vulnerabilidade humana em situações adversas da vida, onde há fortemente a necessidade de políticas e intervenções para com esse público, visto que é o cenário mundial nos alerta ao crescimento do número de pessoas idosas.

Assim sendo, as políticas públicas ainda permanecem com seu caráter de fragilidade em relação a temas voltados para envelhecimento, pessoas idosas e longevidade, demonstrando a impossibilidade das autoridades em recorrer a propositivas, diretrizes e leis que fomentam e tragam a pessoa idosa em situação de rua para uma outra condição de vida com dignidade, cidadania e respeito a sua integridade enquanto pessoa.



GERAL

Analisar o cenário contemporâneo da população idosa em situação de rua no Brasil

ESPECÍFICOS

1. Analisar na literatura brasileira as publicações acadêmicas, relatórios de pesquisas estaduais e nacionais e produções de textos e normativos legais que discutem a questão das pessoas idosas em situação de rua.
2. Registrar e analisar as narrativas e vivências de pessoas idosas em situação de rua no Distrito Federal



PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa em questão ocorreu através de uma abordagem mista, do tipo transversal de natureza analítica procura captar as particularidade que é singular de cada pessoa em contextos heterogêneos da situação de rua com foco no processo do envelhecimento , bem como descreveu a magnitude no problema apresentada nas bases de dados dos estudos populacionais, a fim de melhor compreender as múltiplas dimensões e contexto de vida das pessoas idosas em situação de rua, os inversos e contrapontos da cidadania negada narrados pelos participantes do estudo.

Na primeira etapa foi realizado uma revisão de escopo, construída através do protocolo norteador do Instituto Joanna Briggs (JBI), segundo Peters et al (2020). Utilizando o critério PCC, sendo P população Idosa em situação de rua no contexto brasileiro, o conceito C, na perspectiva de entender o envelhecimento, considerando esse processo para além do biológico, e contexto C das pessoas idosas que residem nas ruas e fazem delas seu meio de sobrevivência.

Etapa esta que busca investigar na literatura o que já se tem descrito sobre pessoas idosas e envelhecimento na população em situação de rua no Brasil, através da pergunta norteadora que proposta para essa etapa: Como se apresenta o processo de envelhecimento da população em situação de rua no Brasil?

Na segunda etapa, complementar à primeira, foi realizada uma pesquisa documental com análise da Política Nacional para a população em Situação de Rua, Estatuto da Pessoa Idosa, Política Nacional da Pessoa Idosa e demais leis e portarias para descrever se a questão das pessoas idosas em situação de rua está contemplada. Com parte desta etapa também será utilizado dados produzidos pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal-Codeplan da pesquisa realizada em 2022 sobre o levantamento sociodemográfico das pessoas em situação de rua e a identificação das variáveis das condição de pessoas com idade superior a sessenta de forma a triangular a literatura encontrada com as informações sobre as condições de vida da pessoas idosas e as possíveis implicações para desenho de políticas públicas contextualizadas a esse extrato da população do Distrito Federal.

A terceira etapa realizada ocorreu de entrevistas em profundidade com instrumento semiestruturado (Apêndice A) baseado nos achados da literatura de história oral segundo Bosi (1994) e Magalhães



(2013) , visto a diversidade de múltiplas histórias que podem ser captadas através da memória que resiste através da fala.

Como pressupostos teóricos para essa construção serão somados aos pensamentos de Meihy (2005) sobre história oral, prática que segundo ele apreende narrativas feitas de forma a melhor entender a realidade onde provoca a este tipo de método a necessidade de caracterização e potencialização dos participantes como fonte de conhecimento, ressaltando ainda que mais importante que relatar ou discorrer sobre quem e quando ocorrem os fatos a história sempre reflete uma situação social.

Esse método busca aproximar a realidade ao sujeito que nela está inserido, fazendo uma pesquisa mais direcionada através de conversas para aprofundamento teórico do vivido (Silva et al,2017).

Corroborando com esse processo fez-se presente para esse estudo os pensamentos de Minayo (2012), que incita cinco grandes etapas para essa construção dialética qualitativa da pesquisa de campo, onde primeiramente é necessário olhar para a singularidade do indivíduo, enquanto ser social, cultural, em seguida uma sentença problematizadora sobre a questão a ser investigada através de ferramentas que conduzam esse processo investigativo.

A quarta etapa concluiu-se da observação e diálogo com as pessoas propostas para esta pesquisa em seus cotidianos no cenário investigado, de forma a compreender dinâmica e não a modifica-la e por fim, ir a campo com todo o arcabouço teórico mas não esquecendo que a prática deva prevalecer para ser interpretada e questionada.

Afim de concretizar a etapa anterior , baseado na técnica de entrevista semiestruturada, que é personalizada, flexível e possibilita a inclusão de roteiros não previstos, justamente para alcançar os esclarecimentos a cerca das perguntas norteadores propostas pelo estudo (Gomes, Oliveira e Alcará,2016), foi gravada e transcrita na íntegra a partir das seguintes perguntas norteadoras “Você se considera uma pessoa idosa ?”, “Como é morar nas ruas para você ?”, “O que é a velhice para você” “ Quais as lembranças boas poderia nos dizer ” ?



Para o processo de análise e discussão do conteúdo obtido através da pesquisa de campo, foi usado o método da hermenêutica de profundidade de Thompson (2005), que denomina três grandes fases para essa análise: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação ou reinterpretação, as fases serão melhor abordadas nos capítulos que seguem.

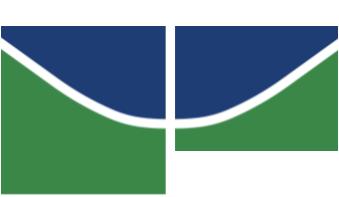
Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. Para tanto, foi solicitada a autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido bem como o Termo de autorização para uso de imagem/e ou som de voz.

Entendendo a possibilidade de existir participantes com baixo grau de escolaridade e instrução para o preenchimento do TCLE, foi usado como alternativa o uso de gravação, onde o termo foi lido e o participante sinaliza ao final dizendo sim ou não em concordar como participante da pesquisa, caso concorde este arquivo de mídia ficará a responsabilidade do pesquisador em sua posse de guarda ao tempo que for necessário e ao mínimo 5 anos após a finalização da pesquisa, sendo assim o termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa também foi utilizado para auxílio e condução da pesquisa

Seguindo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) número 510, de 07 de abril de 2016, a qual estabelece diretriz e normas reguladoras de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Para este estudo está foi proposto um total de 08 participantes, pessoas idosas em situação de rua, que serão abordados de forma espontânea em pontos de referência da rede de apoio as pessoas em situação de rua no Distrito-Federal ou que livremente através das lideranças dos movimentos sociais, como o Instituto Barba na rua, ao qual tem o termo de aceite institucional assinado como apoiador da pesquisa, que visa acolhimento, defesa e proteção as pessoas em situação de rua bem como organizações não governamentais, pastorais ou casas de acolhida aos quais o pesquisador responsável tem ciência e contato e estiverem disponíveis e voluntariamente decididos a participar da pesquisa que se dará no próprio ambiente cotidiano e das atividades desenvolvidas pelas parceiras onde a pessoa se sentir o mais confortável possível para que a interferência seja ao mínimo na rotina e cotidiano do participante.

A entrevista foi conduzida pelo pesquisador responsável que previamente leu o termo de consentimento livre e esclarecido, sanou as possíveis dúvidas e deu início ao processo de preenchimento junto do participante, posteriormente foi conduzida a entrevista com auxílio de



prancheta, papel e um aparelho com capacidade de gravação. Ficando estipulado o tempo máximo de uma hora para que não haja esgotamento, cansaço ou qualquer perturbação a integridade física ou mental do participante.

Toda a abordagem para participação na pesquisa foi de livre e espontânea vontade, ficando o pesquisado claramente ciente das etapas da pesquisa e qual seu objetivo proposto bem como livre a recusa ou saída da pesquisa a qualquer momento. Todas as informações foram lidas para o colaborador da pesquisa e constantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após o trabalho ter passado por apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética pelo CAE: 82159324.5.0000.5540 no dia 23/10/2024.

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os critérios de inclusão para a escolha do participante foram pessoas em situação de rua com cinquenta anos ou mais, do sexo masculino ou feminino, moradores no Distrito Federal, com tempo nas ruas de vivência nas ruas de no mínimo um ano nessa condição de vulnerabilidade. Ser minimamente consciente e orientado, compreender comandos e ter boa oralidade, para que deseje participar do estudo de forma voluntaria e contribuir para produção de conhecimento.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada nos meses de novembro de 2024 a janeiro de 2025, onde foi realizada uma entrevista ao participante que aceitar participar da pesquisa, conforme questionário elaborado (Apêndice A) com 10 perguntas que nortearam o estudo. O participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, termo este que será impresso em duas vias, sendo uma do pesquisador e outra do pesquisado, ao qual passou pelo Comitê de Ética da instituição, e assim recebeu total esclarecimento sobre o projeto com prévia leitura pelo pesquisador.

Entendendo a possibilidade de existir participantes com baixo grau de escolaridade e instrução para o preenchimento do TCLE, foi utilizado como alternativa o uso de gravação, onde o termo foi



lido e o participante sinalizou ao final dizendo SIM ou NÃO em concordar como participante da pesquisa, caso concordasse este arquivo de mídia ficará a responsabilidade do pesquisador em sua posse de guarda ao tempo que for necessário e ao mínimo 5 anos após a finalização da pesquisa, sendo assim o Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa também foi utilizado para auxílio e condução da pesquisa.

Os resultados foram apresentados em banca examidora com finalidade para obtenção ao título de Mestre pelo programa de Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, como também para posterior publicação em formato artigo científico. A identidade do participante foi preservada sendo utilizado um nome fictício ou outra forma de caracterizá-los visando o não reconhecimento de sua verdadeira identidade.

RESPONSABILIDADES DO PESQUISADOR

Ficou posto ao pesquisador como responsabilidade da leitura do TCLE e o Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa com o pesquisado, bem como momento para tirada de dúvidas sobre a pesquisa, uma cópia foi entregue ao pesquisado e outra ficando com o pesquisador.

Aos relatórios parcial e final ao Comitê de Ética em Pesquisa ficou de sua exclusiva responsabilidade, bem como zelar bem ético e moral da pesquisa em todas as etapas de forma íntegra e humanizada com vistas a contribuições que gerem beneficência ao meio.

LIMITES E REPERCUSSÕES DA PESQUISA

Apesar de trazer um novo olhar sobre a ótica do envelhecimento para a população em situação de rua no Distrito-Federal, trazendo o fomento a pesquisa como importante pilar para a produção acadêmica sobre esse assunto, há limitações como falta de censos oficiais sobre a população em situação de rua, inacessibilidade com esse público que por vezes encontra-se em permanente processo migratório, as próprias vulnerabilidades apresentadas pela condição da rua que possam inferir na condição de saúde e limite a própria pessoa a prosseguir na pesquisa, bem como sons, barulhos e espaços não reservados para uma troca e escuta qualificada.



POPULAÇÃO IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA EM NÚMEROS: O QUE SE SABE?

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2022), apontam o quanto crescente e expressivo é o número de pessoas idosas no Brasil, onde segundo o próprio órgão no ano de 2022, o número de pessoas acima dos sessenta anos era de 32.1113.490, onde essa parcela representou 15,8% da população total, um salto de 56% se comparado ao ano de 2010, onde foi registrado cerca de 20.590.597, 10,8% da população total. A Tabela 1 mostra o crescimento desse segmento populacional ao longo das últimas décadas:

Tabela 1 - Proporção da população residente por grupos etários específicos - Brasil - 1980/2022

| Ano | População de 0 a 14 anos (%) | População de 15 a 59 anos (%) | População de 60 anos ou mais de idade (%) |
|------|------------------------------|-------------------------------|---|
| 1980 | 38,2 | 55,6 | 6,1 |
| 1991 | 34,7 | 58,0 | 7,3 |
| 2000 | 29,6 | 61,9 | 8,6 |
| 2010 | 24,1 | 65,1 | 10,8 |
| 2022 | 19,8 | 64,4 | 15,8 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980/2022.

Nota: As diferenças entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

Apesar dos expressivos números em relação a população idosa brasileira, o recorte de pessoas nessa mesma faixa etária, porém em situação de rua não é de fácil mensuração e identificação, uma vez que esse grupo apresenta dificuldade de acesso a serviços, reconhecimento social e a própria documentação não somente física, mas em cadastros nacionais em sistemas do governo.

Ao inverso da população domiciliada constante nos cadastros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística há um apagamento censitário em relação ao grupo de pessoas idosas em situação de rua (Mattos e Ferreira 2005), que dificulta e internaliza uma grande problemática evidenciada no passado, mas ainda presente atualmente.



A não presença desses dados oficiais dificulta dimensionar a estimativa real desse público, enfraquecendo medidas do próprio poder público para o fortalecimento de políticas públicas com essas pessoas, promovendo o risco de maior invisibilidade com esses indivíduos (Natalino, 2022).

Uma vez essa população não sendo reconhecida, dificulta e internaliza grandes obstáculos a serem vencidos em busca de visibilidade, direitos e representatividade nos espaços de luta e busca por condições dignas a vida humana.

No passado, para a construção da Política Nacional para as pessoas em situação de rua (2009), foi realizado o primeiro censo nacional sobre as PSR, sendo o principal dado concreto da época que quantificou e buscou caracterizar essa população, estudo esse realizado em 71 cidades do Brasil em que o levantamento foi conduzido, buscando grandes metrópoles e com o número superior a 300 mil habitantes.

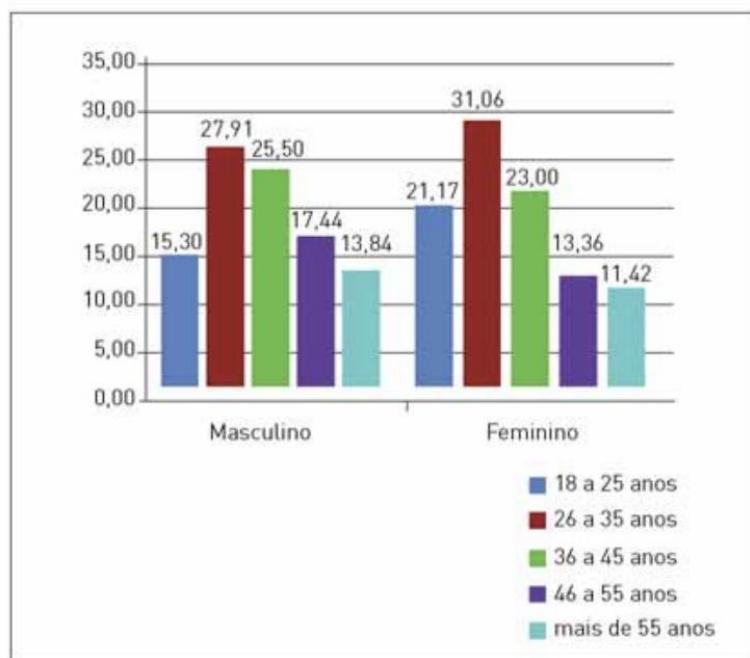
Vale ressaltar que a pesquisa ocorreu por debates e discussões de movimentos sociais da época e por interesse do Ministério de Desenvolvimento Social, acrescidos de gestores, organizações e associações e pesquisadores como contribuintes para a realização da pesquisa. O processo até a coleta demandou preparo e treinamento de todos os envolvidos até chegar em um modelo considerado ideal e que se aproximasse de outras experiências locais já realizadas por outros Estados para fazer esse estudo.

Nesse primeiro levantamento realizado foram identificados o total de 31.992 pessoas em situação de rua, identificação realizada *in locco* e em diversos contextos de moradia não convencional, compreendendo a rua em seu aspecto mais amplo, como pessoas com passagens em albergues, casas de apoio e estando na própria rua, sendo constatado que majoritariamente se tratava de pessoas do sexo masculino e o número de pessoas idosas nessa condição foi expresso na faixa de 55 anos ou mais, representando 13,3% de toda a população investigada (Sagi, 2010).

No gráfico abaixo realizado através do primeiro censo populacional das pessoas em situação de rua, fica claro pelo percentual de ambos os sexos o quanto a população de 55 anos ou mais é proporcionalmente menor do que em relação aos outros grupos etários e que a população masculina se sobressai nessa faixa etária.



Gráfico 1 - Percentual de mulheres e homens por grupos etários



Fonte: I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua – 2007/8

Com o passar dos anos as secretarias municipais de assistência social, começaram através do “Censo Suas”, um trabalho de informar ao poder público o número de pessoas em situação de rua nos municípios , sendo ainda hoje a principal fonte de informação censitária que é acumulada com dados de outros municípios para se projetar uma estimativa (Natalino 2022), porém vale ressaltar que esses dados estão vinculados aquelas pessoas em situação de rua que estão vinculadas a algum serviço e estão com seu cadastro em algum sistema enquanto usuárias do mesmo, novamente trazendo uma exclusão parcial daquelas pessoas sem documentos e cadastro ou que não utilizam serviços socioassistenciais mas que estão em condição de rua.

Compreendendo as inúmeras dificuldades e barreiras de mensuração para consolidar um censo oficial o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania lança em 2023 um relatório diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registros administrativos e sistemas do governo federal afim de lançar minimamente novamente uma estatística nacional sobre esse público.

O relatório em questão, através de dados obtidos pelo cadastro único demonstram um total de 236.400 pessoas em situação de rua em 2022, e novamente não é trazido a pessoa idosa como discussão, mesmo compreendendo que essas pessoas estão cada vez mais envelhecendo nas ruas em um país que apesar de subdesenvolvido mantém boas taxas de expectativa de vida.



A única menção trazida pelo relatório que tipifica as pessoas idosas em situação de rua é associada a processos de violência sofridos pelos mesmos que foram notificados em todo o país, representando nacionalmente um valor correspondente a 6%.

Já no contexto do Distrito-Federal, a companhia de planejamento-Codeplan (2022), lança um relatório diagnóstico com o perfil da população em situação de rua, estudo esse que trouxe como resultados o total de 2398 pessoas em situação de rua, onde novamente não tipifica, caracteriza ou discute a realidade das pessoas idosas em situação de rua, estando a contagem amostral desse público apenas disponível em acesso aos micro dados da pesquisa pelo portal de informações estatísticas do Distrito-Federal como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 1- Perfil por idade e sexo, das pessoas acima dos 60 anos em situação de rua no Distrito-Federal. CODEPLAN, 2022.

| IDADE | 60-69 ANOS | 70-79 ANOS | 80-89 ANOS | 90-99 ANOS | |
|----------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| SEXO MASCULINO | 142 | 25 | 02 | 01 | |
| SEXO FEMININO | 16 | 01 | 00 | 00 | |
| TOTAL | 158 | 26 | 02 | 01 | 187 |

Fonte: Censo da População em situação de rua do Distrito-Federal em 2022/Codeplan

Nota: Valores de mínima, média e máxima calculado na soma de ambos os sexos.
MINIMA 60, MÉDIA 64,6, MÁXIMO 92

Segundo o quadro a maioria das pessoas idosas em situação de rua no DF estão na faixa etária entre 60 e 69 anos de idade, majoritariamente do sexo masculino, e a média de idade fica em torno de 64,6 anos e registra-se a presença de uma pessoa de 92 anos.

O estudo em questão apesar de trazer relevantes dados ainda é tido como questionável e incompleto por não detalhar em mais caracteres esse grupo populacional pouco mencionado ou

apagado socialmente. Deixando grandes indagações de quem realmente são essas pessoas idosas em situação de rua? Estão sendo assistidas por algum serviço? Seja público ou privado, mas que possam garantir um envelhecimento digno, respeitoso e com dignidade a essas pessoas.

Por fim, é claro a não presença de dados nacionais e oficiais que correlacionam pessoas idosas que estão em condição de desabrigamento, ou seja, situação de desproteção e insegurança e sem um local convencional de moradia, demonstrando o quanto grave a não presença de dados impacta para



medidas assertivas e que possam conduzir essas pessoas para uma melhor situação de vida por meio do poder público.

Conclui-se assim que um dos maiores achados desta etapa de levantamento, busca ativa e investigação confirma para a não presença e menção a nível nacional de informações a cerca do público de pessoas idosas que estão vivendo nas ruas, validando um embaraço histórico com esse grupo que envelhece a cada dia e que não sabe simplesmente como será o amanhã.



PROCESSO DE ENVELHECIMENTO POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL: UMA REVISÃO DE ESCOPO

RESUMO:

INTRODUÇÃO O processo de envelhecimento é tido como complexo e multicausal principalmente em contextos de situações de vulnerabilidade, miséria e negação de direitos. Chegar a velhice para muitos é benesse da vida e para outros tida como um obstáculo mais desafiador, principalmente quando se fala em população idosa em situação de rua, onde são consideradas duplamente vulnerabilizadas, por serem pessoas idosas e desabrigadas. **OBJETIVOS** Identificar por meio da literatura disponível em sites, repositórios, dissertações, artigos científicos e literatura cinza, o que se tem dito sobre o processo de envelhecimento das pessoas idosas em situação de rua no contexto brasileiro **MÉTODO** A pesquisa foi conduzida de acordo com a metodologia JBI para revisões de escopo, por meio das plataformas Lilacs, Medline, Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde, e estrutura do Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist, com etapas de seleção dos estudos realizada por revisores independentes. **RESULTADOS** Foram encontrados 58 fontes de evidências inicialmente que através do protocolo de execução do estudo da JBI juntamente do PRISMA, e com auxílio dos revisores independentes conforme indicando os critérios de inclusão e exclusão que apontassem a temática do processo de envelhecimento da população idosa em situação de rua no Brasil, ficou estabelecido um total de 08 achados sendo 06 artigos de maioria estudos qualitativos, 1 dissertação de mestrado e 1 monografia. **CONCLUSÃO** O processo de envelhecimento da população idosa em situação de rua ainda é algo pouco explorado e difundido na academia, porém tido como complexo e desafiador, influenciado por questões de percepção com o próprio corpo, relacionadas a saúde mental e o próprio processo de vida nas ruas.



ABSTRACT

The aging process is socially determined, complex and unique, especially in contexts of vulnerability, poverty and denial of rights. For many, reaching old age is an expected trajectory in life and for others a challenging struggle, especially when it comes to the older person population living on the streets, where they are considered stereotypical cultural scripts, as they are older and homeless people.

OBJECTIVES To investigate in the literature what has been said about the aging process of the older person homeless population in the Brazilian context.

To identify through the literature what has been said about the aging process of older adult living on the streets in the Brazilian context.

METHOD The research was conducted according to the JBI methodology for scoping reviews, through the

Lilacs, Medline, Scielo, and Virtual Health Library platforms. The research was conducted according

to the JBI methodology for scoping reviews, through the Lilacs, Medline, Scielo, and Virtual Health

Library platforms, and the PRISMA-ScR structure, with study selection stages carried out by

independent reviewers. Of the 58 findings identified, a total of 8 studies were included in the sample.

RESULTS: The research findings reveal different perceptions about the old age of homeless people,

bringing aspects of physiological, psychological, and self-perception influence on being an elderly

person and how complex it is to live on the streets, since there is a greater condition of vulnerability

due to age and precarious living conditions.

Keywords: Homeless People, Older Adults, Aging, Public Health



INTRODUÇÃO

Viver mais é uma realidade, uma vez que esse processo de envelhecimento é percebido na população brasileira, mas que implica em pensar que não necessariamente vive-se melhor (Bezerra, Nunes e Moura, 2021), uma vez que esse processo é entendido e vivido em diferentes contextos.

O processo do envelhecer admite diversas características em vários níveis que ocorrem para todos, porém com intensidades variadas a depender das características genéticas, sociais e ambientais (Dezan, 2015), principalmente quando são indivíduos expostos a situações de vulnerabilidade social, excluídos de direitos e do mínimo para existência humana.

E esse cenário é apresentado de forma bem clara nas ruas e espaços públicos dos centros urbanos, onde percebe-se uma dupla exclusão dos que residem por serem idosos e estar nessa condição de desabrigados (Brêtas 2005).

Viver nessa condição acarreta diversas problemáticas como acesso a serviços de saúde negado, isolamento, fragilidade nos laços familiares, uso de drogas, não ter um documento de identificação, submissão a trabalhos informais sem a devida remuneração entre diversas outras questões que exacerbam ainda mais a vulnerabilidade dessas pessoas (Koopmans, 2018).

Assim, esse público expressa-se como produto da desigualdade social de um movimento através de mudanças nas políticas sociais, econômicas e mundiais nos últimos anos, entendo que são considerados como uma categoria social complexa, uma vez que esse processo de vulnerabilizarão que é dinâmico e se apresenta como anterior a ida de fato para as ruas (Mendes, Rozani e Paiva, 2019).

Ser idoso em situação de rua é estar desprovido de privacidade, fator este que impacta na qualidade de vida e na sua própria sobrevivência, dado que mesmo quando abrigados, esse espaço é tido como coletivo, diminuindo seu poder de escolha, tendo assim a rua como meio de sobrevivência, buscando formas para garantir alimentos, cuidados para higiene pessoal e materiais para manutenção da vida (Brêtas, 2010).

Se faz necessário viabilizar programas, políticas e ações para com esse público através da criação de vínculos com esses indivíduos e instituições, levando assim a diminuição dos fatores determinantes e condicionantes da saúde que implicam no processo de adoecimento dos mesmos (Nascimento et al ,2019).



Diante o exposto, o presente artigo busca evidências na literatura que busquem elucidar a seguinte pergunta de pesquisa: Como se apresenta o processo de envelhecimento da população idosa em situação de rua no Brasil?

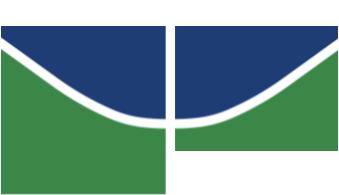
MÉTODO

Trata-se de uma revisão de escopo conduzida conforme recomendações do Instituto Joanna Briggs (JBI) e PRISMA-ScR. Sendo a escolha deste método estratégica para detecção e conhecimento em amplitude de conceitos e definições trazidas pela literatura sobre o processo de envelhecimento de pessoas idosas em situação de rua no Brasil. O número de identificação fornecido pela plataforma livre e aberta Open Science Framework (OSF) é 10.17605/OSF.IO/M5H34, ao qual o protocolo para revisão deste estudo foi cadastrado e submetido, garantindo assim sua autenticidade e compromisso ético com a pesquisa bem como sua originalidade para tratar de assunto tão atual e ao mesmo tempo pouco explorado.

Para condução da problemática norteadora utilizou--se a estratégia PCC (população, contexto e conceito), sendo “P” população idosa em situação de rua, “C” processo de envelhecimento e “C” o contexto da realidade brasileira apresentada, como também para inclusão nessa pesquisa optou-se por estudos de livre acesso quantitativos, qualitativos, estudo de caso, revisões sistemáticas, dissertações e teses e outras fontes como literatura cinza através de livre pesquisa, que pudessem iluminar e responder a questão da pesquisa. Foram incluídos como critérios também apenas estudos em português visto que busca responder uma questão vivenciada no Brasil e sem qualquer filtragem temporal pela escassez de estudos na área já identificada.

Todo o processo se deu em cinco etapas, levantamento de bases de dados, pesquisa e primeira seleção prévia de estudos, segunda seleção , avaliação por pares, discussão dos achados.

A primeira etapa buscou-se de forma mais assertiva as plataformas nacionais ou bases de dados que mais publiquem artigos que tratem da realidade brasileira por diversas óticas e abordagens, sendo assim, os encontrados com possibilidade de achados foram: Lilacs, Medline, Scielo, e Biblioteca Virtual em Saúde bem como o buscador simples do Google para busca de literatura cinza que pudesse contribuir.



A segunda etapa complementar a primeira coube a construção de fazer uma estratégia de busca para os achados e já selecionar previamente os possíveis estudos por título para posterior leitura e avaliação, sendo assim utilizou-se dos descritores em saúde: idoso, envelhecimento e população em situação de rua mais os operadores booleanos, de forma que ficasse : idoso AND envelhecimento AND população em situação de rua, para busca de literatura cinzenta visto que o site escolhido *Google* é uma plataforma diversa em informações e conteúdo, optou-se por usar uma linguagem simples de forma a buscar maiores informações sobre esse público como: pessoas idosas em situação de rua, idosos moradores de rua e moradores de ruas idosos.

Para segunda etapa de seleção, foram acrescidos e sistematizados em uma planilha do *excel* com fins para justificar como uma tabela de extração de todos os artigos, teses e monografias e achados por plataforma/base de dados e a partir desse momento , os títulos e resumos foram lidos na íntegra, separados conforme os critérios elegíveis para serem incluídos na pesquisa.

Após seleção e filtragem dos estudos, foram todos cadastrados e nomeados na plataforma *Rayann*, cujo software permite de forma sistemática, virtual e compartilhada a seleção por pares para condução de pesquisas e estudos de revisão. A primeira análise do autor principal foi realizada justificando suas inclusões ou exclusões para que os estudos fizessem parte da pesquisa. E por seguimento mais dois revisores independentes compuserem esse processo de avaliação duplo cego através do aceite de inclusão ou exclusão, conforme plataforma orienta dos estudos elencados e cadastrados para avaliação e logo após foram colados em acordo as discordâncias de apenas dois estudos, sendo justificadas por ser um estudo de um contexto não brasileiro e o outro não se adequar a temática central desta revisão , entrado em consenso , decidiu-se pelos 08 achados para realização deste estudo.

Por fim, e após leitura na íntegra dos estudos, optou-se pela análise temática dos conteúdos abordados visto as possíveis assimilações que poderiam ser feitos com os achados encontrados que dizem sobre: perceber-se pessoa idosa, envelhecer nas ruas, aspectos relacionados a saúde mental, que muito se conversam entre os estudos.



RESULTADOS

Utilizando-se da estratégia de busca orientada pelos descritores em saúde mais o termo booleano AND, seguiu-se a busca da seguinte forma: idoso AND envelhecimento AND população em situação de rua, realizada nas plataformas Lilacs, Medline, Scielo, e Bvs buscando identificar os possíveis achados para essa pesquisa, foram encontradas 58 publicações, conforme mais bem elucidado na figura 1, e onde a maioria, 41, estavam exclusivamente em língua inglesa.

Corroborando para seleção dos estudos utilizado os critérios de inclusão e exclusão, todos os 58 achados foram organizados em documento a parte a nível tabela para melhor visualização e condução do estudo. Onde a partir disso deu-se início a leitura na íntegra do título e resumo iniciando assim o processo de seleção. A seguir a Tabela 1 demonstrará de forma simplificada os achados por base de dados.

TABELA 2. ACHADOS CATEGORIZADOS POR BASE DE DADOS

| LILACS | MEDLINE | SCIELO | BVS |
|-------------|-------------|------------|-------------|
| 9 ACHADOS | 38 ACHADOS | 03 ACHADOS | 8 ACHADOS |
| 7 INCLUÍDOS | 0 INCLUÍDOS | 1 INCLUÍDO | 6 INCLUÍDOS |

Fonte: autoria própria

Dos 58 achados, 8 traziam realidades estritamente claras de países das Américas e do continente Africano, inviabilizando esses estudos uma vez que a pesquisa se trata da realidade das pessoas idosas em situação de rua a nível Brasil.

Aos demais 42 estudos restantes, 16 comentam por outras perspectivas fora do escopo velhice e envelhecimento de forma não específica ou clara as pessoas em situação de rua, novamente inviabilizando os mesmos para compor esse processo de inclusão.

Restando 26 estudos, por fim quantificados desse total, 18 foram excluídos por não estarem de acordo com o critério PCC (População, Conceito e Contexto), uma vez esses estudos se enquadram apenas em 1 dos critérios do acrônimo, ou seja, abarcavam em apenas uma categoria temática, ser pessoa idosa, ser população em situação de rua ou discutir envelhecimento dos mesmos.

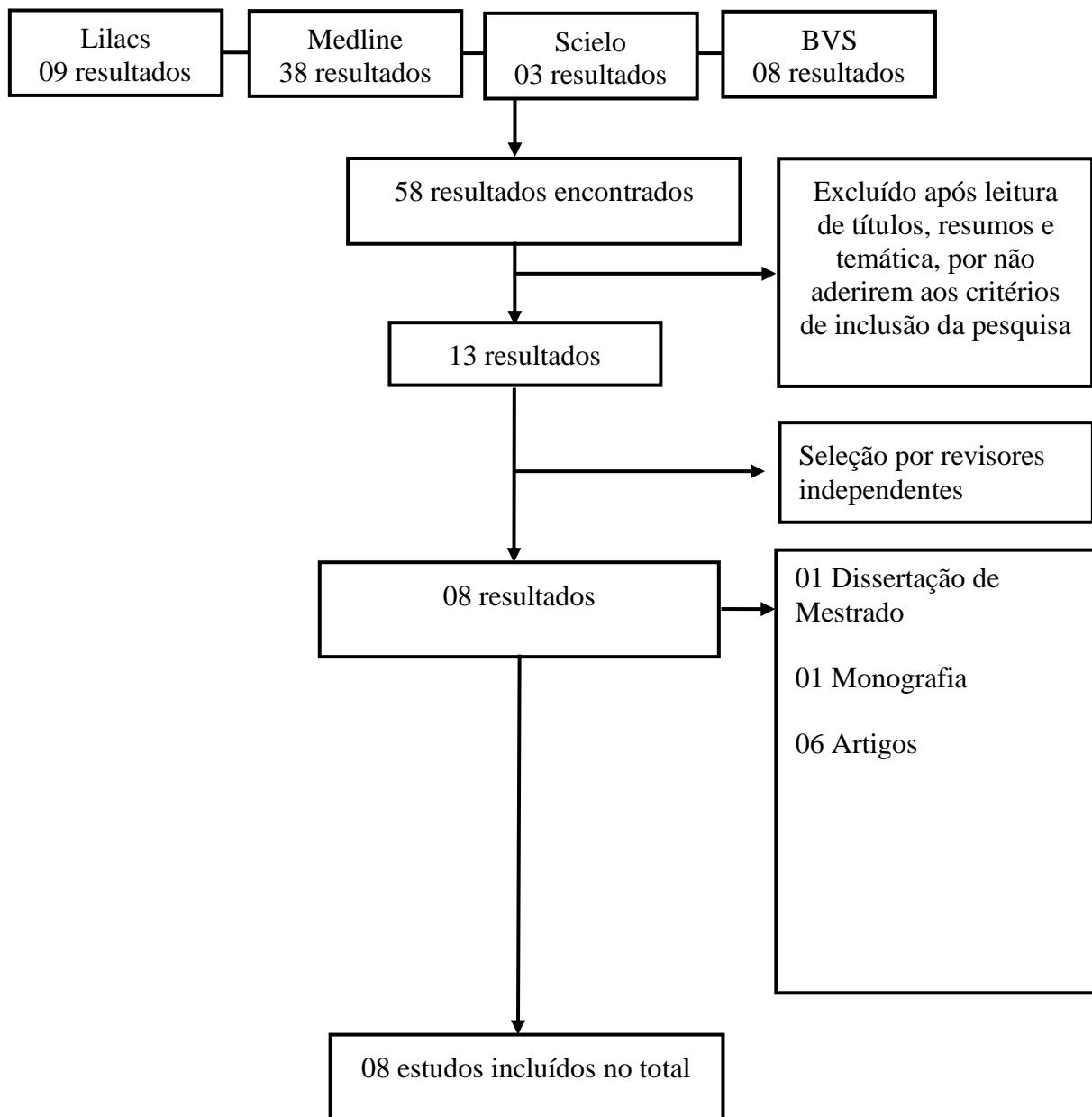


Dos estudos encontrados e incluídos para esse estudo, que totalizaram 8, é visto se traçado uma linha temporal que o mais antigo é datado de 2009, ano da publicação e efetivação da Política Nacional para população em situação de rua e o mais recente é do ano de 2022, e a predominância em relação ao tipo de estudo é de abordagem qualitativa seguida de estudo de caso como maiores achados desta pesquisa.

Na tabela 3 será demonstrado os estudos que compõem esta pesquisa conforme título da obra, autor, ano e tipo de publicação.



FIGURA 1. IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDOS PELAS BASES DE DADOS



Fonte: autoria própria



TABELA.3 DESCRIÇÃO DOS ESTUDOS POR CATEGORIA

| TÍTULO | AUTOR | ANO | TIPO DE PUBLICAÇÃO |
|---|---|------|-------------------------|
| O processo de envelhecimento sob a ótica de idosos em situação de rua | Aline Figueiredo Camargo | 2020 | DISSERTAÇÃO DE MESTRADO |
| <u>O envelhecimento das pessoas idosas que vivem em situação de rua na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil</u> | <u>Mattos, Carine Magalhães Zanchi de; Grossi, Patrícia Krieger; Kaefer, Cristina Thum; Terra, Newton Luiz.</u> | 2016 | ARTIGO |
| Idoso em Situação de Rua e Vivência em Centros de Acolhida: Uma Revisão de Literatura | <u>Gusmão, Bruna da Silva; Leite, Karinanne Lissa Yamaguchi; Monteiro, Larissa; Umeno, Marcela Bárbara; Pessutti, Monize Salturato; Santos, Quezia Serpa; Batista, Suelen Cristina; Falcão, Deusivania Vieira da Silva.</u> | 2012 | ARTIGO |
| Quem mandou ficar velho e morar na rua | <u>Brêtas, Ana Cristina Passarella; Marcolan, João Fernando; Rosa,</u> | 2010 | ARTIGO |

| | | | |
|--|--|------|------------|
| | <u>Anderson da Silva; Fernandes, Flávia Saraiva Leão; Raizer, Milena Veiga.</u> | | |
| <u>Sensações do morar e a concretização de moradia para idosos egressos de um albergue</u> | <u>Silva, Ana Carolina Lopez da; Mincache, Gisnelli Bataglia; Rosa, Maria Aparecida de Souza; Mutchnik, Vanessa Idargo.</u> | 2010 | ARTIGO |
| Reflexões bioéticas sobre o processo de envelhecimento e o idoso morador de rua | <u>Gutierrez, Beatriz Aparecida Ozello; Silva, Henrique Salmazo da; Rodrigues, Pedro Henrique da Silva; Andrade, Tatiane Barbosa de.</u> | 2009 | ARTIGO |
| Memórias de Idosos que vivem em situação de rua | Aline Pereira de Souza, Gabriella Rocha de Souza, Juliana Ribeiro da Silva Vernasque, Paula Sales Rodrigues and Maria José Sanches Marin | 2022 | ARTIGO |
| Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa | <u>Trench, Belkis; Rosa, Tereza Etsuko da Costa.</u> | 2011 | MONOGRAFIA |

Fonte: autoria própria



DISCUSSÃO

O Brasil tem passado por um rápido e progressivo aumento da população idosa, com aumento da longevidade, principalmente pelas transformações sociais e econômicas vivencias na sociedade, trazendo o assunto do envelhecimento com algo urgente e ao mesmo tempo uma questão super atual para debate (Paz, Santos e Edit, 2006).

Sendo assim, pessoa idosa em situação de rua é marcada por contextos de violações que reafirma a extrema gravidade da realidade de abandono e hiper vulnerabilidade vivenciada nas ruas (Fermentão, Siqueira e Andrecioli, 2024). Ser pessoa idosa nas ruas perpassa números e estatísticas já pouco evidenciadas, principalmente pela própria dificuldade censitária para com esse público no Brasil, mas infere em compreender as condições de vida, cuidados e acesso a bens e serviços sem deixar de apreender como é o processo de envelhecimento para esse público.

Segundo Souza et al (2022) as pessoas em situação de rua estão no grupo considerado mais marginalizado e esse aumento no numero de sujeitos nessa condição vem tomando cada vez mais proporções nos grandes centros das cidades brasileiras (Barata, 2015).

Os diferentes achados desta pesquisa trazem enfoques e abordagens de diversas percepções e construções ideológicas sobre o que é o envelhecimento nas ruas ou simplesmente não comentam a fundo a questão, mas de forma geral, apresenta no cotidiano percebido na população em situação de rua, ponto este interessante visto de diferentes óticas e olhares, mas que ao mesmo tempo dificulta um entendimento global sobre a temática.

Valle, Farah e Carneiro Junior (2020), afirmam o quanto complexa é estar nas ruas, visto que essa exposição a vulnerabilidades influencia diretamente na manutenção de suas vidas, e com a população idosa nessa condição não seria diferente, uma vez que é exposta a dupla vulnerabilidade, por serem pessoas idosas e estarem em uma condição não favorável a vida (Gusmão et al. 2013, Gutierrez et al. 2019, Souza et al. 2022, Brêtas et al. 2010).

Tendo a Constituição Federal de 1988 corroborando com os pensamentos do direito a moradia, a discussão tida aos declarados “sem teto” vai de encontro para a efetivação a dignidade da pessoa humana, onde viver transcende o espaço físico, e é assunto primordial a ser discutido quando falado em envelhecimento (Mincache et al , 2011), uma vez há um contraponto quando falado da população em situação de rua albergada que tem ao mínimo para concretude de sua dignidade benefícios acrescidos como segurança, higiene e abrigo (Gusmão et al. 2013).



Somente dois dos estudos elencados questionam a questão da moradia como algo necessário e importante ao envelhecimento das pessoas idosas em situação de rua que sabidamente vivem em ambientes não convencionais e com todas as intempéries para a sobrevivência humana como condições desfavoráveis relacionadas ao clima, violência e a própria segurança, deixando um alerta sobre como não pensar em moradia para pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, e ao mesmo tempo como pensar meios e estratégias para o enfrentamento ao não direito a habitação digna, visto que a chamada “arquitetura hostil”, desenho urbano que delimita e afasta pessoas (Severini e Nunes, 2022), dificulta a não permanência e acomodação das pessoas em situação de rua, modelo este que vem tomando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo.

PERCEBER-SE COMO PESSOA IDOSA

Perder a capacidade física e funcional é trazido pelos autores como um obstáculo desafiador a sobrevivência nas ruas (Mincache et al. 2011, Mattos et al. 2016, Brêtas et al. 2010, Souza et al. 2022) visto que é uma população andarilha que busca um local minimamente seguro, comida e acolhimento, mas que ao estar em prejuízo físico com o próprio corpo, agrava ainda mais a sua sobrevivência (Mincache et al. 2011).

Doenças crônicas como diabetes e hipertensão, cardiopatias e outros acometimentos são fatores que intensificam a vulnerabilidade, impedindo a busca por uma renda e dificultando ainda mais o processo para saída das ruas e da própria sobrevivência, reafirmando que o envelhecer nas ruas se dá através da percepção do corpo e as próprias condições de saúde (Mattos et al 2016, Souza et al. 2022).

Outro ponto mencionado em um dos artigos revela que o envelhecimento seria a última fase que precede a morte e que ele dá de forma silenciosa e percebida de forma tardia, onde se manifesta pelo corpo através da dor (Brêtas et al. 2010).

Contrapondo-se a ideia anterior, Souza et al. (2022) já afirma em seu estudo que o envelhecimento se daria de forma precoce, devido as próprias condições precarizadas a vida das pessoas em situação de rua.

Camargo (2020), reafirma que o envelhecimento da população traz consigo problemas de saúde e que na população em situação de rua é ainda pior, mas que envelhecer não necessariamente é adoecer.



SAÚDE MENTAL

Transtornos mentais assim como outros cuidados com a saúde da população em situação de rua inferem em reconhecer a complexidade sóciopolítica dessa questão (Wijk, Van; Mângia, 2019) onde estar em sofrimento mental ou ser neurodivergente por exemplo, incita em cuidados para além do tratamento medicamentoso, mas de acompanhamento e cuidado cotidiano.

Dos achados apenas 2 estudos trazem a discussão sobre saúde mental de forma muito breve ou citam suas influências na perspectiva de ser idoso e estar morando nas ruas, onde o próprio envelhecimento nas ruas é colocado como causador de danos a saúde mental como quadros depressivos (Mattos et al. 2016) e que a solidão e o isolamento são trazidos como condições psicosociais desmotivadoras a vida (Souza et al. 2022)

Outro ponto mencionado que tenta justificar as condições de bem-estar mental é a falta do trabalho para o público de pessoas idosas, tornando-os descartáveis e inúteis (Mattos et al. 2016) corroborando com quadros de distúrbios mentais.

Dos estudos Mattos (2016) e Gusmão (2013) destacam também a importância de se ter profissionais capacitados para com esse público de forma multidisciplinar visto as complexidades e diferentes realidades postas ao público idoso, favorecendo assim para uma melhor resolutividade com vistas a redução da vulnerabilização desses indivíduos.

ENVELHECER NAS RUAS

Algumas circunstâncias foram colocadas como justificativa para ida as ruas como: quebra de vínculo familiar, condições financeiras, ausência de apoio social ou governamental e mercado de trabalho (Gusmão, 2012; Camargo, 2020) onde Trench e Rosa (2011) argumentam firmemente na perspectiva da necessidade de atitudes políticas e éticas com esse público urgentes para que a morte social não antecipe a morte biológica.

Mincache et al (2011) e Gusmão et al (2013) trazem um ponto diferente em relação aos outros estudos que é a população albergada que mesmo estando em uma condição precarizada é entendida como privilegiada em relação a quem vive nas ruas, pelo fato de possuir abrigo, segurança e mínimas condições de higiene para a manutenção da vida.



Uma vez que ser idoso nas ruas coloca os indivíduos em condições extremas como limiar a existência, onde viver não deve ser encarado como apenas estar no mundo, mas como possibilidade para desenvolver potências humanas (Gutierrez et al.2019).

Fica claro a necessidade de contextualização e aprofundamento dos idosos que residem nas ruas em todos os aspectos biopsicossociais, culturais, econômicos, bem como avaliações mais amplas do contexto de saúde, na perspectiva da compressão do processo de envelhecimento (Camargo, 2020 e Matto et al. 2016).

Entender o processo de envelhecimento das pessoas idosas é desafiador, mas extremamente necessário para superação do estigma, preconceito e discriminação para um novo olhar e novos delineamentos para políticas públicas, onde Mattos et al (2016) ousa a dizer sobre a necessidade específica de uma política para população idosa em situação de rua.

Discutir envelhecimento para pessoas em situação de rua é um tema que não se esgota nem se resume ao mencionado aqui neste estudo uma vez que a maioria das pesquisas foram trazidas de forma a apresentar histórias ou entrevistas de um número limitado de idosos em situação de rua em diferentes contextos, podendo desta forma não generalizar os achados aqui encontrados mas que servem como uma excelente base para propositiva de novas investigações.

Por fim, fica claro nas pesquisas a necessidade de novos estudos na área de pessoas com mais de 60 anos que estão na condição de moradia nas ruas, visto que é um fenômeno complexo multicausal e que se apresenta de diferentes formas por todo o país.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Por ser um estudo de cunho investigativo é notório a baixa quantidade de publicações relacionadas ao tema do envelhecimento no recorte de pessoas idosas na condição de estar em situação de rua no contexto brasileiro, uma vez considerando que o foco dos estudos não objetivamente era discutir envelhecimento e velhices, mas que foi possível correlacionar ou inferir sobre as breves reflexões nesta fase da vida trazida por essas publicações que trouxeram de alguma forma o assunto de interesse para a revisão, justificando assim para maior dificuldade de um entendimento sobre o tema, bem como questões limitantes relacionadas as bases de dados por não haver um local com possibilidade de maiores achados publicados. Publicações de realidades fora do contexto brasileiro e outros temas correlatos não vinculantes a questão chave do estudo sobre envelhecimento e pessoa idosa moradora de rua também dificultaram para os achados.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados demonstram o quanto necessário e importante é a temática do envelhecimento principalmente no recorte de pessoas idosas em situação de rua, mesmo que demonstrando de forma tímida e pouco explorada, visto que é um tema pouco estudado na literatura.

Considera-se como os grandes achados que esse envelhecimento entendido e trazido por alguns estudos é marcado principalmente como evidenciado pelas perdas da capacidade funcional do indivíduo, ou seja, um envelhecimento sentido e percebido pelo próprio corpo debilitando e fazendo ainda mais vulnerável a esse processo, principalmente se estiver associado a doenças, considerado como um agravamento ainda maior a sua existência.

As poucas menções relacionadas a saúde mental que foram discutidas também trazem para uma inexistência de pensar saúde e velhice para além do físico, mas afirma para a necessidade de compreender que transtornos mentais e suas relações com o passado, presente e futuro influenciam para potencializar o processo de envelhecimento nas ruas.

Por fim, a grande maioria dos achados encontrados vão ao encontro de uma generalização já discutida e bastante ampliada na academia onde falar de pessoas em situação de rua, é trazido sempre como algo negativo, ruim e por serem portadores de doenças crônicas ou sexualmente transmissíveis, e ir na contramão para discutir questões deste público voltadas a pessoa idosa, velhice e processo de envelhecimento ainda e visto como algo novo e não explorado.

É urgente a necessidade de novas pesquisas com diferentes abordagens que tratem sobre a pessoa idosa em situação de rua, visto que a realidade crescente sobre o envelhecimento da população é mundial, complexo e não homogêneo, colocando em risco sempre os mais vulneráveis.



REFERÊNCIAS

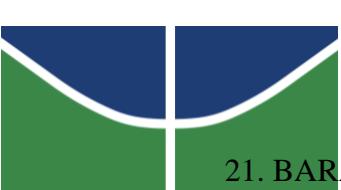
1. BEZERRA, P. A.; NUNES, J. W.; MOURA, L. B. DE A. Envelhecimento e isolamento social: uma revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, p. eAPE02661, 2021.
2. NASCIMENTO, B.S.A; PEREIRA E.S.; LIMA S.F.;SILVA F.S.; SANTOS F.A.S.;FILHA F.S.S.C; O envelhecimento sob a ótica do ser idoso: uma abordagem fenomenológica Research, **Society and Development**, v. 9, n.1, e15911501, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1501,2019>.
3. BRÊTAS, A. C. P. et al. Quem mandou ficar velho e morar na rua? **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 2, p. 476–481, jun. 2010.
4. PATRÍCIO, Anna Cláudia Freire de Araújo; FIGUEIREDO, Marina Sarmento Braga Ramalho de; SILVA, Deysianne Ferreira da; RODRIGUES, Brenda Feitosa Lopes; SILVA, Rôseane Ferreira da; SILVA, Richardson Augusto Rosendo da. Condições de risco à saúde: pessoas em situação de rua [Health risk conditions: people on the streets] [Condiciones de riesgo de salud: personas en la situación de la calle]. **Revista Enfermagem UERJ**, [S. l.], v. 28, p. e44520, 2020. DOI: 10.12957/reuerj.2020.44520. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/44520>. Acesso em: 25 nov. 2023.
5. MENDES, K. T.; RONZANI, T. M.; PAIVA, F. S. DE . POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, VULNERABILIDADES E DROGAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, p. e169056, 2019.
6. NASCIMENTOJP, SANTOSCT, VIEIRASNS, NERYTC, CRUZGS, SANTOSMF, et al. Direito à saúde à população em situação de rua. **Rev enferm UFPE** on line.2019;13:e239841DOI:<https://doi.org/10.5205/19818963.2019.239841>
7. VALLE FAAL, FARAH BF, CARNEIRO JUNIOR N, As vivências na rua que interferem na saúde: perspectiva da população em situação de rua, **Saúde Debate**, RIO DE JANEIRO, V. 44, N. 124, P. 182-192, JAN-MAR 2020



8. GUSMÃO, B. da S.; LEITE, K. L. Y.; MONTEIRO, L.; UMENO, M. B.; PESSUTTI, M. S.; SANTOS, Q. S.; BATISTA, S. C.; FALCÃO, D. V. da S. Idoso em Situação de Rua e Vivência em Centros de Acolhida: Uma Revisão de Literatura. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 15, n. Especial13, p. 313–331, 2013. DOI: 10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial13p313-331. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17309>. Acesso em: 3 dez. 2023.
9. GUTIERREZ, B. A. O.; DA SILVA, H. S.; RODRIGUES, P. H. da S.; ANDRADE, T. B. de. REFLEXÕES BIOÉTICAS SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E O IDOSO MORADOR DE RUA. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2009. DOI: 10.22456/2316-2171.7537. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/7537>. Acesso em: 3 dez. 2023.
10. SOUZA, Aline Pereira de et al. Memórias de idosos que vivem em situação de rua. **NTQR**, Oliveira de Azeméis , v. 13, e682, set. 2022. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2184-77702022000400035&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 dez. 2023. Epub 08-Set-2022. <https://doi.org/10.36367/ntqr.13.2022.e682>.
11. MINCACHE, G. B.; ROSA, M. A. de S.; MUTCHNIK, V. I.; DA SILVA, A. C. L. Sensações do morar e a concretização de moradia para idosos egressos de um albergue. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 13, n. Especial8, p. 169–193, 2011. DOI: 10.23925/2176-901X.2010v13iEspecial8p169-193. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6921>. Acesso em: 3 dez. 2023.
12. MATTOS, C. M. Z. de; GROSSI, P. K.; KAEFER, C. T.; TERRA, N. L. O envelhecimento das pessoas idosas que vivem em situação de rua na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 205–224, 2016. DOI: 10.23925/2176-901X.2016v19i3p205-224. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/33014>. Acesso em: 3 dez. 2023.

Organizado por. São Paulo: **Instituto de Saúde**; 2011. (Temas em Saúde Coletiva, 13)

14. CAMARGO, A.F.; O processo de envelhecimento sob a ótica de idosos em situação de rua, Dissertação de Mestrado, **Programa de Pós-Graduação em Enfermagem** da Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.
15. SEVERINI, Valéria Ferraz; NUNES, Gabriela Parreira. Arquitetura hostil: cidade para quem?. **Cadernos CERU**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 2, p. 76–95, 2022. [DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v33i2p76-95](https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v33i2p76-95). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/207099>. Acesso em: 9 jul. 2024.
16. WIJK, L. B. VAN.; MÂNGIA, E. F.. Atenção psicossocial e o cuidado em saúde à população em situação de rua: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 9, p. 3357–3368, set. 2019.
17. DEZAN, S.Z. O envelhecimento na contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. (2015). **Rev. Psic** UNESP, 4(2): 28-42.
18. BRÊTAS ACP. A velhice em situação de rua. **Revés do Avesso**. 2005;
19. KOOPMANS FF, DAHER DV, ACIOLI S, SABÓIA VM, RIBEIRO CRB, SILVA CSSL. Living on the streets: an integrative review about the care for homeless people. **Rev. bras. enferm.** [Internet], 2018
20. FERMENTÃO C.A.G.R.; SIQUEIRA D.P; ANDRECIOLI S.M.; O desamparo dos idosos em situação de rua: estado exceção diante das violações dos direitos da personalidade e inefetividade das políticas públicas de promoção humana, Pensar Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 1-18, jan./mar. 2024.



21. BARATA R.B; JUNIOR N.C; RIBEIRO M.C.S.; SILVEIRA C. Desigualdade social em saúde na população em situação de rua na cidade de São Paulo, **Saúde Soc.** São Paulo, v.24, supl.1, p.219-232, 2015.

22. PAZ, A. A.; SANTOS, B. R. L. ; EIDT, O. R.. Vulnerabilidade e envelhecimento no contexto da saúde. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 338–342, jul. 2006.

23. SOUZA A.P; SOUZA G.R; RODRIGUES P.V; VERNASQUE J.R.S; MARINM.J.S. Memórias de idosos em situação de rua. **Novas Tendências na Investigação Qualitativa**, Oliveira de Azeméis, Portugal, v. e682, 2022.



HISTÓRIAS DAS RUAS

A seguir, será apresentado nos próximos capítulos uma análise/discussão das entrevistas realizadas *in loco* no período de novembro de 2024 a janeiro de 2025 pelo Distrito-Federal, onde ocorrem os encontros por intermédio do método História Oral de Vida (Magalhães, 2013).

Essa etapa da pesquisa buscou cumprir com um de seus objetivos que era justamente ir ao encontro das pessoas idosas em situação de rua de forma a trazer uma explanação que pudesse dar subsídios para o discutido até o momento e o a partir deste capítulo, com a voz e história de pessoas do mundo real que estão vivendo pelas ruas no Distrito-Federal.

A pesquisa ocorreu pelas ruas e avenidas do Distrito-Federal onde já era sabido pelo pesquisador possíveis locais centrais onde havia pessoas em situação de rua presente que seriam essenciais e potenciais personalidades para compor a pesquisa, e assim foi feito, nos locais mapeados pelo pesquisador e outros não, ocorridos por buscas de idas e vindas, em trajetos por vezes não planejados, mas que pudessem firmar o encontro e a escuta.

Vale ressaltar que o anteceder da entrevista exigiu preparo, planejamento e sutileza em compreender a realidade do outro, visto que é um grupo já carregado de muitos preconceitos e negações sociais.

Ao recorte das histórias através da memória viva contada neste estudo não buscam certezas, ou afirmações do que é correto ou não, mas apenas compartilhar por meio desta escrita o relato de pessoas que estão vivendo em uma situação extrema a vida, em uma fase única e delicada que é a velhice, sendo assim interpretar e reinterpretar o dito faz-se parte do processo, entendo as diferentes opiniões e entendimentos que cada um possa ter.

ESCOLHA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE

Para condução do processo interpretativo e de análise do material coletado e vivenciado nas ruas no Distrito-Federal no ano de 2024 optou-se pelo método da hermenêutica de profundidade (HP) segundo Thompson (2005).

Justifica a metodologia HP, pela tentativa de compressão e elucidação das formas simbólicas apresentadas no decurso das vidas cotidianas pelas pessoas que as produzem ou recebem, ou seja, minimamente aprofundar o entendimento acerca das opiniões, compreensões que são sustentadas e compartilhadas pelas pessoas no mundo social, trazendo a importância do contexto sócio-histórico onde essas pessoas estão inseridas (Thompson, 2005).

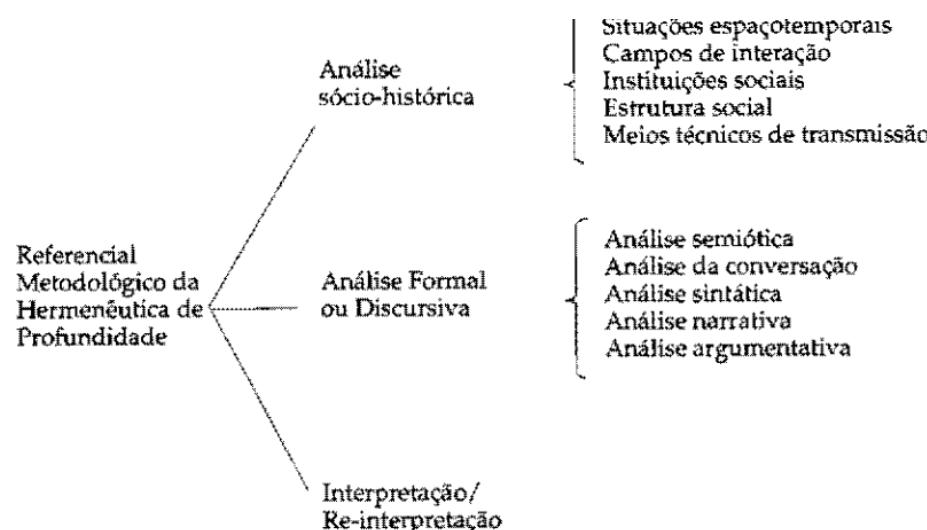


“Negligenciar esses contextos da vida quotidiana, e as maneiras como as pessoas situadas dentro delas interpretam e compreendem as formas simbólicas que eles produzem e recebem, é desprezar uma condição hermenêutica fundamental da pesquisa sócio-histórica, especificamente, que o campo-objeto de nossa investigação e também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são pré-interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo.” (Thompson, 2005, p.364).

Vale ressaltar que as formas simbólicas mencionadas por Thompson (2005) dizem respeito a construções ideológicas que carregam ideias, caracterizações e que a depender das condições sociais e históricas também se manifestam como construções determinantes já definidas pelo meio. Para além disso, Thompson caracteriza a HP em três fases que segundo ele não se dissociam, apesar das suas singularidades, mas que se complementam para um melhor entendimento de uma situação.

A figura abaixo descreve as formas de Investigação hermenêutica proposta por Thompson:

FIGURA 2. FORMAS DE INVESTIGACAO HERMENEUTICAS



FONTE: Thompson, 2005.



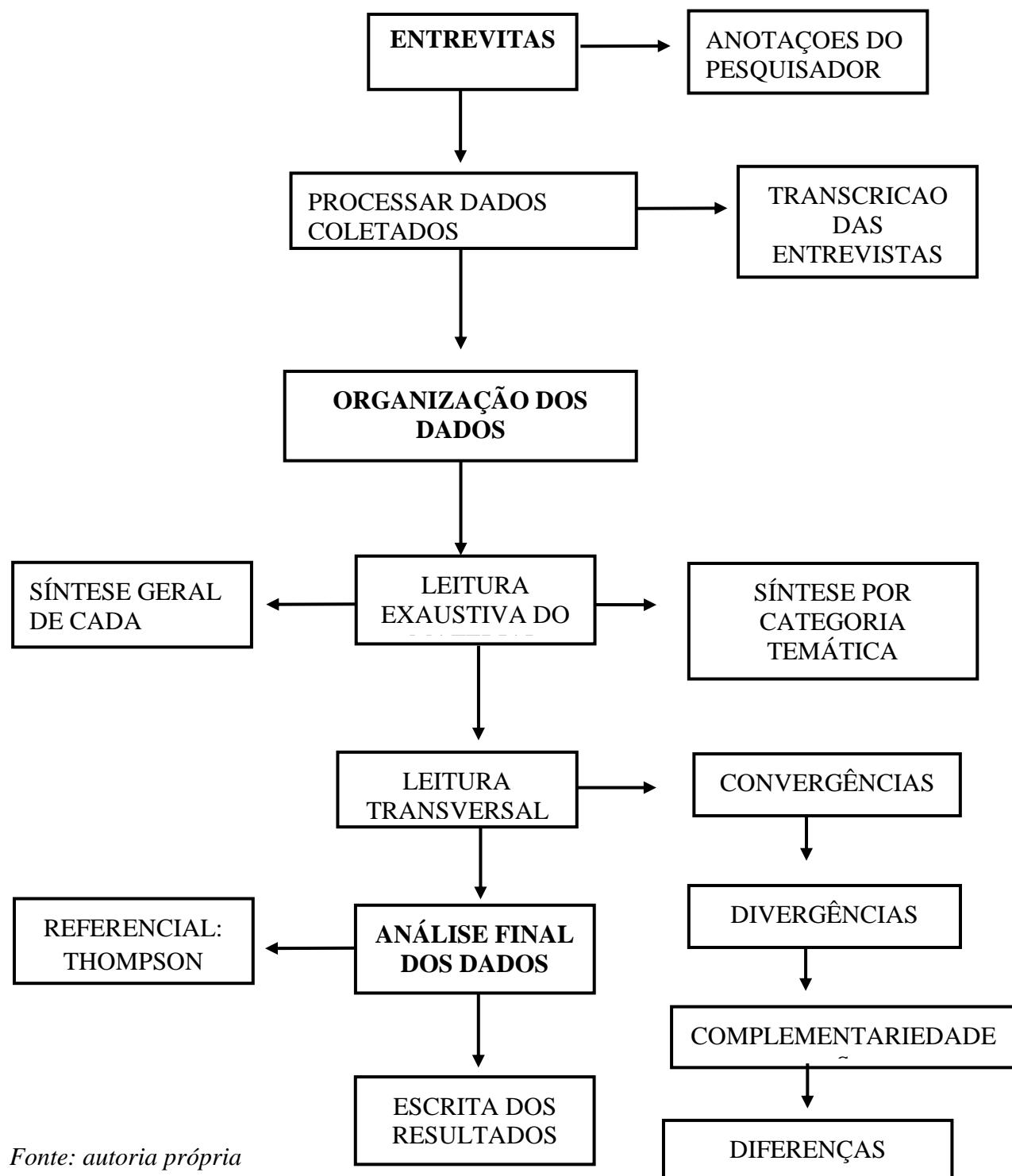
Seguindo a proposta de fases de Thompson (2005), a primeira é nomeada como análise sócio-histórica, que objetiva reconstruir as condições sociais, espaço temporal, conjunto de trajetórias, não sendo algo estático, mas que possa ser moldado ao longo prazo em que reforça que “Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e divisões” ou seja, é lançar-se a investigação onde envolve diversos critérios e categorias que garantem seu caráter sistêmico e durável.

Em seguida a análise discursiva orienta não a um modelo sabidamente estruturado para testar intuições, mas que vai de encontro a casos concretos do dia a dia, por exemplo, mas que reforça o as expressões que caracterizam a comunicação como a análise da estrutura narrativa, onde a narrativa pode ser considerada como um discurso que narra uma sequência de acontecimentos, buscando identificar padrões comuns, ou seja, um conjunto de particularidades (Thompson, 2005).

E por última fase de interpretação ou reinterpretação que “através da análise, eles quebram, dividem, desconstroem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica ou discursiva” (Thompson, 2005), trazendo o sentido de síntese na construção de uma ideia de possíveis significados entre as demais fases, onde busca reunir formas simbólicas ou discursivas para um conjunto de inter-relações.

Assim sendo, buscou-se seguir esses passos orientadores abordados anteriormente para fazer uma análise do material colhido através das entrevistas realizadas, onde todas foram transcritas, preparadas e analisadas, o fluxograma a seguir descreverá melhor essa fase de preparo e análise dos achados.

FIGURA 3-FLUXOGRAMA DO PASSO A PASSO: DA ENTREVISTA A ANÁLISE DOS DADOS



Fonte: autoria própria



INICIAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa foi preciso estar nas ruas para que conversas e conexões humanas pudessem ser sentidas e minimamente compreendidas para além dos dizeres científicos, e nesse sentido, Chiapetti (2010, p.140) justifica que “vivenciar, então, é mais do que viver... é viver com sentimento, ter relação com... envolver-se, adquirir experiência, experienciar...”

E com essa pesquisa não foi diferente, estar nas ruas fez-se como essencial para buscar uma mínima compressão da realidade exposta pelos participantes da pesquisa que vivenciam diariamente a solidão, a rejeição e o isolamento social, mas que ao mesmo tempo demonstraram a empatia, o coleguismo e o respeito ao compartilhar ideais, opiniões e histórias, demonstrando a humanidade que é silenciada pela sociedade, onde desmerece ou reprime os menos desfavorecidos reduzindo-os a mínima inclusão social.

Assim sendo, as entrevistas partiram de uma aproximação com uma abordagem do pesquisador de apresentação, partindo do nome, profissão, instituição que estava vinculado, conduzindo a conversa para apontamentos sobre algo observado nesse cotidiano antes do primeiro contato ou comentário sobre algum momento do dia em questão que poderia ser um gatilho para inicio da conversa e criação de vínculo, de forma que as pessoas se sentissem seguras e confortáveis para um diálogo, e a partir daí, entendendo como conquistado a confiança da pessoa ou grupo foi explicado sobre as pesquisas, seus objetivos, e o termo de consentimento livre e esclarecido bem como de uso de imagem foram lidos na íntegra, tirado as dúvidas e assinado posteriormente ou no momento que a pessoa se sentisse confortável e segura para assinar.

Para condução das perguntas, observou-se previamente com o desenrolar das apresentações entre entrevistador e entrevistado o grau de instrução para que os questionamentos fossem respondidas, buscando utilizar uma linguagem o mais simples e clara possível, partindo assim para inicialmente explorar buscando remontar uma linha desde a origem, do local de nascença, relações trabalhistas, família... vale ressaltar que outras perguntas não programadas foram realizadas afim de melhor compreender alguns pontos e histórias mencionadas, dando seguimento até os dias atuais pra compreender autopercepção, desejos, vontades a grande questão chave do estudo que era entender qual a compreensão e o que essas pessoas traziam de bagagem sobre envelhecimento, importante dizer que por vezes não necessariamente essa ordem foi seguida, pois houveram situações que exigiram antecipação de determinados assuntos que seriam questionados posteriormente, ou o contrário,.



Para as perguntas que foi percebido a dificuldade em responder por parte do entrevistado, hora por perguntar novamente o questionado, o silenciamento na reposta ou a simples perguntas se entendeu o perguntado, foi pensando como estratégia realizar novamente a mesma pergunta porém com uma linguagem de assimilação a algo cotidiano, utilizando de outras palavras ou situações com exemplos para que fosse o mais claro e objetivo possível.

Compreende-se que a rua é local de diversidades de perspectivas que a compõem, com pluralidades culturais e práticas sociais diversas, ou seja, não é estática, é simbólica de (re)construções constantes da vida (Almeida, 2016), mas que ao mesmo tempo não dispensa regras e cuidados quando mencionado as pessoas em situação de rua.

“O viver na rua não se garante com práticas de isolamento e sem trocas, faz-se necessário tecer redes de solidariedade. Quem cai na rua não tem como viver sozinho. Para ser aceito “não pode ser um parasita”, e isso inclui compartilhar desde o pedir dinheiro ou alimento aos transeuntes, realizar pequenos serviços como limpar a rua, cuidar do lixo de algum estabelecimento comercial, fazer pequenos favores aos comerciantes ou camelôs, dentre outros” (Kunz, Heckert e Carvalho, , 2016 p.9).

E nesse cenário o Distrito-Federal imerge na diversidade enquanto uma Capital do país totalmente diversa não homogênea e com diferentes realidades, pensada para ser a cidade do futuro, sede do poder do país e das decisões que impactam toda uma nação, vale a pena comentar sobre o processo de construção e designação desse território, onde uma população imigrante vem para ocupar uma terreno ainda não explorado em troca de serviço, e com o passar dos anos Brasília se ergue, tendo a data de 21 de Abril de 1960 sua inauguração.

E nesse sentido, a população trabalhadora com o tempo foi ocupando os arredores da cidade, uma vez que esse território não foi pensando para a classe trabalhadora de operários, e sim para a classe da elite com poder e influência da época. Achado este que corrobora pra inferir sobre as primeiras possíveis pessoas em situação de rua na época.

Nos dias de hoje o cenário se configura de uma outra forma onde tanto no centro quanto das periferias no DF é possível avistar pessoas desabrigadas disputando espaços públicos para moradia e sobrevivência, onde o cenário se altera com o passar dos quilômetros entre centro, com maior circulação de pessoas e bens de consumo e periferia com menos recursos e condições a vida.

Trazer esse ponto das dualidades encontradas nas ruas do DF, justifica para que a condução do estudo tivesse sido feita em diferentes contextos, buscando compreender a influência desse



território e das condições que ele oferta para o envelhecer nas ruas, apesar de não ser tema principal da pesquisa, sua relevância configura um importante indicador onde há possibilidade de correlacionar condições de vida e envelhecimento a partir do território.

Na tabela que segue, será apresentado os participantes da pesquisa, identificados por questões éticas de 1 a 9, segundo sexo, idade, estado civil, naturalidade, etnia/cor e tempo vivendo nas ruas.

TABELA 4. Descrição dos participantes, segundo sexo, idade, estado civil, naturalidade, etnia/cor e tempo vivendo nas ruas. Brasília, 2025

| PARTICIPANTE | SEXO | IDADE | ESTADO CIVIL | ETNIA/COR | NATURAL | TEMPO VIVENDO NAS RUAS |
|----------------|-------|-------|--------------|-----------|-----------|------------------------|
| PARTICIPANTE 1 | MASC. | 60 | VIUVO | * | PARANÁ | 6 ANOS |
| PARTICIPANTE 2 | FEM. | 60 | SOLTEIRA | PRETA | BAHIA | + 30 ANOS |
| PARTICIPANTE 3 | MASC. | 54 | SOLTEIRO | PARDO | BRASÍLIA | 10 ANOS |
| PARTICIPANTE 4 | MASC. | 58 | SOLTEIRO | BRANCO | CEARÁ | 5 ANOS |
| PARTICIPANTE 5 | MASC. | 61 | SOLTEIRO | * | TOCANTINS | 12 ANOS |
| PARTICIPANTE 6 | MASC. | 65 | SOLTEIRO | PARDO | * | 11 ANOS |
| PARTICIPANTE 7 | MASC. | 73 | SOLTEIRO | PRETA | BAHIA | 3 ANOS |
| PARTICIPANTE 8 | MASC. | 57 | SOLTEIRO | PARDO | PARANÁ | * |
| PARTICIPANTE 9 | MASC. | 72 | SOLTEIRO | PRETA | BAHIA | * |

*Legenda: * a critério do entrevistado decidiu não falar essa informação.*

Masc. Sexo Masculino

Fem. Sexo feminino

FONTE: autoria própria

Observa-se que, segundo a Tabela 4, majoritariamente o sexo participante da pesquisa é masculino, fator este que configura a narrativa científica e aos poucos censos existentes que o público de pessoas em situação de rua, independente da idade é masculino, e ao mesmo tempo representa na pesquisa uma limitação da presença de pessoas do sexo feminino potenciais para este estudo, onde nenhuma outra mulher foi encontrada, nem como recusa a não participar do estudo.

Outro ponto que chama atenção é o questionado sobre o estado civil onde a maioria se declarou como pessoa solteira, que mesmo com histórico de filhos em alguns casos, a condição de estar casada foi entendida como algo passageiro e sem relatos de memórias afetivas sobre o vivido



onde percebeu-se que esse grupo experimenta a liberdade e as relações afetivas com os próprios amigos da rua.

Cor parda e preta autodeclaradas foi quase que unânime, configurando novamente o apontado pelos estudos que caracterizam essas pessoas como majoritariamente negras, ou seja, corpos negros que envelhecem nas ruas sem os mínimos direitos conquistados ou alcançados, onde o racismo estrutural para além da situação de vulnerabilidade social é colocado como mais um obstáculo a ser vencido.

A naturalidade apresentada demonstra a diversidade não limítrofe entre as pessoas idosas que estão sobrevivendo nas ruas de Brasília, onde a diversidade cultural é percebida na linguagem e nas histórias que remontam o passado com costumes e tradições culturais da vivência de cada um.

Importante ressaltar que na tabela há pessoa consideradas como idosas mesmo não tendo completado os sessenta anos de idade, como é definida na maioria das vezes, o conceito de idade é multidimensional e que o processo de envelhecimento possui determinações sociais que extrapolam a idade cronológica. Neste sentido Schneider & Irigaray (2008) registram o conceito de idade social:

“A idade social corresponde, assim, aos comportamentos atribuídos aos papéis etários que a sociedade determina para os seus membros. Ela é composta por atributos que caracterizam as pessoas e que variam de acordo com a cultura, o gênero, a classe social, o transcorrer das gerações e das condições de vida e de trabalho, sendo que as desigualdades destas condições levam a desigualdades no processo de envelhecer.” (Schneider & Irigaray, 2008, p. 590)

Ao mesmo tempo, o embasamento teórico da pesquisa considera que a realidade da rua ameaça os direitos humanos e a dignidade humana das pessoas que contam ou não com a tutela do Estado, e assume que o envelhecimento se constitui em um processo de acúmulo de desigualdades para determinados grupos populacionais, e, portanto o um recorte etário a partir de 50 anos foi assumido como mais (Santos, 2018).

Grupos vulnerabilizados e em situações desafiadoras a vida justificam a adoção para que estudos populacionais em pessoas idosas sejam feitas em pessoas acima dos 50 anos como no estudo de Santos (2018), com a população carcerária de Ceará que teve por objetivo descrever a situação de saúde das pessoas idosas no sistema prisional., entendendo que o estilo de vida não saudável, o acesso precário a saúde somado ao encarceramento eram fatores que impulsionaram a rever questões relacionadas a velhice por outras perspectivas e abordagens.



Nesse sentido a PSR vai se tornando uma categoria social, onde violações de direitos, decepções e fracassos vividos no campo profissional, laços familiares fragilizados, problemas de saúde, racismo estrutural, dentre várias outras questões tipificam essas pessoas como um grupo em situação de maior vulnerabilidade, corroborando para o pensamento de que envelhecer nas ruas ameaça a chegada a idade dos sessenta anos ou mais.

NARRATIVA SÓCIO-HISTÓRICA, SEGUNDO A PRIMEIRA FASE DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIDADE PROPOSTA POR THOMPSON

Como parte da primeira fase evidenciada por Thompson (2005), que refere sobre a parte sócio-histórica, apresentamos um recorte em relação as entrevistas dos participantes que possa fomentar a discussão para melhor caracterizá-los e compreender quem são essas pessoas em seus aspectos sociais, culturais seus modos de vida, e a como lidam como a condição que estão inseridos.

A tentativa de contemplar todos os campos mencionados anteriormente para uma compressão mais global do vivido por essas pessoas nas ruas possibilitou uma melhor interação e aproximação para a condução dos futuros assuntos aqui investigados para aqueles que se propuseram contribuir e se sentiram confiantes para realizaram tais relatos, em contra partida, houveram situações e pessoas entrevistadas que reduziram ao mínimo seus relatos e memórias por diversos motivos que aqui não declaradamente sabidos, mas que foi possível perceber um distanciamento no desenrolar do que foi questionado, mesmo assim, todas essas contribuições serviram como base e experiência para a pesquisa, entendendo que todo o processo partiu de livre e espontânea vontade para que o entrevistado e que as pessoas participantes pudessem compartilhar apenas o que gostaria, da forma que achasse melhor e fosse cômodo.

Observando a tabela descritiva dos participantes percebe-se que apenas uma pessoa idosa nasceu no Distrito-Federal, sendo as outras 7 de outras regiões e uma preferiu não mencionar de onde veio. Como é descrito na literatura sobre questões urbanas os entrevistados apresentam uma trajetória de vida marcada pela migração como busca de melhores oportunidades de sobrevivência nas áreas metropolitanas.

E nos relatos a história contada por diversos modos, entrelaces e caminhos atinge um ponto em comum, a busca por oportunidades seja ela por emprego propriamente dita pelos entrevistados ou por relações familiares que desde a infância que culminaram na necessidade da busca por trabalho por parte dos genitores, obrigando a busca por um novo endereço.



Por falta de oportunidades ou na ausência delas, Saldanha (2014) afirma para esse processo que muitas PSR vivenciam, visto como um marco para permanência na nova localização, impulsiona a condição de estar nas ruas.

E como visto pelo tempo de permeância dos entrevistados há um grande caminho percorrido de anos em situação de rua, onde é perceptível um apagamento de políticas públicas para que essas pessoas mesmo que com anos nas ruas, pudessem ter sido realocadas ou conduzidas a programas de socioassistenciais e habitacionais para melhores condições de vida.

A situação trabalhista bem como as outras questões pessoais, culturais e sociais com o tempo vão se moldando ao longo dos anos e caracterizando esse público, mesmo sabendo da diversidade das ruas e seus modos de vida rotineiramente conduzidos de forma individual ou em grupos.

A seguir será feito uma análise a partir dos discursos trazidos pelos entrevistados afins de contribuir com a metodologia de Thompson (2005).

ENTREVISTADO 6

“Você vai trabalhar. Quando você fica no seguro-desemprego, essas coisas, você tem que saber viver. Ou seja, se você parar numa cidade, se você ficar numa cidade, você vai envelhecer naquela cidade. Ou seja, não vai voltar aonde você estava.”

Oficialmente o Entrevistado 6 foi o primeiro a participar da pesquisa e sua entrevista foi uma das mais marcantes e produtivas, pelo fato da boa oralidade e discursos prolongados, chamado atenção também pelo fato de sua vida não resumir ao momento de estar nas ruas, mas por sua trajetória passada de vida, onde relatou ter tido a oportunidade de trabalhar em Navios e assim poder ter conhecido vários locais e países, não quis mencionar ou dar mais detalhes do processo entre trabalho e rua.

Em seu discurso é possível perceber a questão dos pós rompimento com um vínculo trabalhista como desafiadora e não motivadora a mudança de vida, tendo seu envelhecimento como processo vivido no local de permanência.

A permanência nas ruas é algo preocupante e marcante principalmente ao grupo de pessoas idosas em situação de rua, visto a dupla vulnerabilidade e o descaso em relação as políticas públicas não instituídas em específico para essas pessoas que ficam perambulando pelas ruas, tendo seu corpo exposto as intempéries da vida e seu alimento advindo da boa vontade de outras, isso quando o corpo não adoece, prejudicando ainda mais a sobrevivência nas ruas.

ENTREVISTADO.8



‘Ai, filho. Se eu não conseguir ir pra mim embora, eu vou morrer. ’’

No caso em questão o Entrevistado fez menção a retornar a sua cidade natal, Paraná, afim da busca por seus familiares e a tentativa de reaproximação e acolhimento dos mesmos, deixando como marca de sua entrevista que a todo momento em seus dizeres , relatou as dificuldades de trabalho, pelas suas condições físicas a debilidade em relação a sua saúde e própria sobrevivência nas ruas demonstrando a sua insatisfação em estar naquela condição tendo em seus pensamentos concluídos que a morte seria seu único fim caso não alcançasse tal objetivo.

No quadro que segue, demonstra a estratégia para articulação entre método e análise onde estão elencadas as principais perguntas feitas no momento da coleta de dados, que após a releitura do material gravado e transcrita , esses questionamentos foram consideradas como de extrema importância para discussão proposta em cada fase da metodologia de Thompson (2005), vale destacar que não necessariamente as questões colocadas seguiram essa ordem no momento da entrevista, mas estão sendo analisadas por sua relevância temática.

Quadro 2. Exposição das principais perguntas atentando a metodologia hermenêutica de profundidade de Thompson

| | | |
|---------------------|-----------------------------------|--|
| 1 ^a FASE | SÓCIO-HISTÓRICA | <ol style="list-style-type: none">1. E COMO O/A SENHOR(A) SE DESCRIE? COMO, SE ALGUÉM CHEGASSE E PERGUNTASSE, COMO É QUE É (NOME DO ENTREVISTADO)?2. O/A SENHOR(A) TRABALHA ATUALMENTE? TRABALHAVA?3. QUANTAS REFEIÇÕES O SENHOR(A) FAZ POR DIA? |
| 2 ^a FASE | ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA | <ol style="list-style-type: none">1. E TEM ALGUMA COISA BOA SOBRE O VIVER NA RUA/MORANDO NA RUA? O QUE O SENHOR(A) ME DIZ?2. O/A SENHOR(A) SE CONSIDERA UMA PESSOA IDOSA?3. E O QUE É ENVELHECER PARA O SENHOR(A)? |
| 3 ^a FASE | INTERPRETAÇÃO OU RE-INTERPRETAÇÃO | <ol style="list-style-type: none">1. E O QUE O SENHOR(A) TEM DE LEMBRANÇAS BOAS DA VIDA?2. QUAL SEUS SONHOS? |

Fonte: autoria própria



E COMO O/A SENHOR(A) SE DESCREVE? COMO, SE ALGUÉM CHEGASSE E PERGUNTASSE, COMO É QUE É (NOME DO ENTREVISTADO)?

Essa pergunta veio a compor a pesquisa de forma exploratória e indagadora, uma vez que esses indivíduos teriam suas histórias contadas, pensou-se que seria interessante ouvir essa autopercepção sobre eles mesmas, como se adjetivam, reconhecem e se afirmam, sendo assim essa pergunta buscou justamente compreender essas autoafirmação enquanto pessoa pertencente a uma sociedade que mesmo diante negação social, esses corpos violentados e estigmatizados por estereótipos não deixam de ser seres humanos.

E as respostas foram as mais diversas possíveis onde alguns com clareza já trouxeram características físicas como gênero, raça, outros já partiram de associações pessoais ao trabalho, caráter e percepções sobre as emoções que as caracterizam.

Conhecer o outro e reconhecer-se nesse processo foi uma experiência válida de muitos interrogações e sujeições que moldam e caracterizam essas pessoas enquanto seres sociais marcados por histórias de lutas em sociedade e invisibilidade, onde por muitas vezes ouvir um “Obrigado pela nossa conversa” ou outras expressões que representassem gratidão por aquele momento vivido trazem a tona o quanto necessário é entender a realidade do outro, principalmente quando está em uma situação de vulnerabilidade e fragilidade .

ENTREVISTADO.2

“E eu falaria que sou uma pessoa negra, ótima, educada pra receber as pessoas, [...]”

ENTREVISTADO.6

“Bom, eu sou uma pessoa sensível. Sim, cara, calmo, conforme todos falam. Sou uma pessoa que todos também estão bem comigo, graças a Deus[...]”

ENTREVISTADO.8

“Vanderlei é um homem trabalhador. Um cabra honesto e o que precisa fazer, diz pra mim que eu faço.”



Nas falas dos entrevistados é exposto justamente um lado pessoal pouco explorado principalmente pela bancada acadêmica, que muito se debruça em correlações relacionado a doenças, fatores de risco, morte, alcoolismo e drogadição, mas esquece que por trás dos achados numéricos e estatísticos existe um ser humano, que as vezes só quer ser ouvido ou compreendido.

Investigar o humano nas perspectivas do envelhecimento remonta e corrobora para novos pensamentos sobre as diferentes velhices encontradas e vivenciadas no mundo, e com as pessoas idosas em situação de rua, ter essa identificação faz-se como importante processo ao reconhecimento enquanto pessoas que estão vivendo a velhice.

Um complexo sistema de relações sociais, corrobora para moldar a identidade pessoal dos sujeitos, antes mesmo da existência dos mesmos no mundo, onde eles são embebidos das concepções em um dado contexto histórico e social que incorpora ao processo de produção da identidade (Ferrari, 2006).

A figura do morador de rua esteve sempre associada a um processo histórico e social que taxava essa população devido suas condições de vida, situação essa agravada pela sociedade frente ao capitalismo e aos meios de transformação do consumo e do papel social (Spricigo, 2021).

Reconhecer-se e conhecer o outro é criar conexões e descobrir o novo, e com os entrevistados não foi diferente, as menções identitárias de gênero e características de personalidade moldam e confirmam quem são essas pessoas diante de todas as adversidades que a rua os apresenta, reafirmando seu papel enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade que por vezes não dialoga, ou que invisibiliza essas pessoas, não oportunizando ou negando direitos aos demais não mencionados nas respostas que seguem a pergunta, houve estranhamento ou não entendimento em relação ao questionado, mesmo buscando outras formas de explicar o que estava se perguntando.

O/A SENHOR(A) TRABALHA ATUALMENTE? TRABALHAVA?

Pensar as questões trabalhistas para as PSR, remonta a compressão de que este fator é tido como um dos indutores a ida ou permanência nas ruas, uma vez que o trabalho é relacionado a renda e se esse trabalho não vem de meios convencionais, ou seja, pela informalidade, as condições de vida e sobrevivência podem ser mais dificultadas.

Sobre o questionado, uma pequena parte dos entrevistados, três pessoas, foram abordada em algum momento cotidiano de trabalho informal, seja em sinal de transito, coletando materiais para reciclagem ou vendendo algo, considerando que este momento de entrevista poderia impactar nesse



cotidiano, optou-se por uma rápida abordagem com o mínimo de tempo explorado buscando minimizar os impactos que essa pausa poderia interferir em seu cotidiano.

Todos responderam com muita tranquilidade e rapidez alguns relacionando a alguma profissão que ainda exercia, outros evidenciado essa renda informal pela venda de algum produto na rua e aqueles que também disseram não trabalhar mais, a esses que disseram não estar mais ativos em relação ao trabalho, chama atenção em suas falas (ENTREVISTADO 5 e 7) sobre relacionar de alguma forma essa condição a idade, onde infere-se que esse corpo possivelmente mais desgastado e cansado enfrenta mais dificuldades com a lida para busca de renda.

ENTREVISTADO.1

“Eu vendia as coisas, pipoca, bombom [...]”

ENTREVISTADO.2

“Mas às vezes a gente vende balinha, vigia a carro ali, vigia a carro por lá, arruma um dinheirinho pra sobreviver”

ENTREVISTADO.3

“Só juntando latinha, reciclado”

ENTREVISTADO.4

“Sou pedreiro e sei fazer casa”

ENTREVISTADO.5

“Não, não trabalho, dessa idade que eu tô é difícil arrumar serviço, entendeu?”

ENTREVISTADO.6

“[...] Então, pra mim eu estou adquirindo uma liberdade, ou seja, não estou mais no sistema de trabalho”.

ENTREVISTADO.7

“Não, eu tô com 73 anos e eu tava doente. Eu tava no hospital, eu tava com problema na coluna...”

ENTREVISTADO 8

“Eu sou operador de máquina”

Sobre o questionado, as respostas foram muito positivas e trouxeram consigo outros momentos de vida passada, lembranças de um cotidiano relatado com saudade como percebido por todos os relatos e em específico aos que disseram ter uma profissão: pedreiro e operador, onde essas



pessoas tiveram um comportamento vibrante e visivelmente honrados ao falar sobre o que sabia fazer dentro de sua área de competência.

Discutido em diversas literaturas, um dos motivos da ida/ permanência nas ruas é a questão do trabalho que por vezes as PSR não têm acesso ou não são oportunizadas, por distintas questões, como por exemplo a falta de documentação pessoal, não ter uma moradia convencional, trabalhos que exigem muito do corpo, baixa ou nenhuma qualificação profissional, dentre outros.

“Apesar de não ser possível estabelecer uma relação direta (e única) entre desemprego e a situação de rua (Escorel, 1999), é inegável a importância do trabalho em relação aos demais vínculos sociais, na medida em que ele confere identidade na nossa sociedade” (Silva, 2012, p.481)

A questão da saúde é um importante marcador para o trabalho e sobrevivência nas ruas, pois quando se fala em corpos que estão envelhecendo nas ruas, ter uma boa condição física garante melhores chances para ir atras de meios e melhores condições de vida.

Todos os entrevistados demonstram suas questões de renda por meios advindos de serviços informais, nenhum informa ser aposentado e metade deles ao serem buscados para serem entrevistados estavam fazendo algum serviço relacionado a renda como no sinal de trânsito, ou pedindo esmola sendo essas entrevistas, em específico, forcadas a uma maior celeridade visto a dinâmica de vida dessas pessoas e buscando não interromper seu cotidiano.

Sabido das inúmeras questões complexas que envolvem o mundo do trabalho as PSR e o discutido até aqui, a obra de Engels, Marx (p.69, 2006,) nos faz refletir sobre processos do trabalho e suas finalidades, insinuando que o fim para as menos desfavorecidas, nesses processos, não se concretiza como algo tolerável e adequado.

“Desta forma, na conjuntura de sociedade que é mais favorável ao operário, o resultado fatal para o trabalhador é o trabalho exagerado e a morte precoce, a deterioração em maquina, a submissão ao capital que se acumula em intimidante oposição e ele, nova concorrência, a morte a fome ou a mendicância para uma parcela dos trabalhadores.” (Mattos, Heloiani e Ferreira, 2008, p. 105).



QUANTAS REFEIÇÕES O SENHOR(A) FAZ POR DIA?

Por meio deste questionamento buscou-se uma maior compreensão da realidade vivida entre as pessoas entrevistadas do estudo no que compete a alimentação, entendo que as diversas realidades até o momento impõem necessidades e modos de sobrevivência diferentes onde as vezes estar em um local próximo a uma feira, shopping ou restaurante por exemplo, corroboram para uma facilidade ou maior disponibilidade de alimentos.

Infelizmente hoje a alimentação não é tida como escolha a esse público, e sim imposta a quem delas quiser usufruir, sem poder de escolha mesmo podendo ter uma certa seletividade alimentar. A rua é local de grande circulação e no Distrito-Federal, a condição em relação a alimentação para as PSR é diferenciada, no sentido de possuir muitos órgãos, entidades, organizações da sociedade civil, organizações não governamentais, igrejas e afins que prestam um trabalho de doação de alimentos aqueles que mais precisam. Aqueles que próximo a região administrativa possuir e tiver condições há também a presença dos restaurantes comunitários como uma excelente estratégia aqueles mais necessitados há um preço simbólico.

Ainda não existe uma política ou direcionamento em relação as questões alimentares as PSR, sendo assim, alimentar é privilégio daqueles que a obtém para dar conta de sobreviver a uma vida nas ruas.

Grupos em situação de vulnerabilidade social apresentam marcadores determinantes a insegurança alimentar e nutricional, tendo maior suscetibilidade de comprometimento a sua saúde (Bezerra et al, 2017), onde as PSR se enquadram nessa condição por desconhecerem a procedência, formas de preparo, condições de higiene e principalmente pelo não poder de escolha dos alimentos para as suas refeições (Oliveira e Alcantara, 2021).

ENTREVISTADO. 1

“ às vezes uma, às vezes nenhuma... Não tem tempo, não posso sair para comer. É devagar, se sair, não vira nada.”

ENTREVISTADO.2

“ Ah, meu filho, se tiver eu como toda hora. É farinha, feijão e carne. Farinha, feijão e carne é minha comida.”

“ De manhã, meia-dia, de tarde, se tiver de noite. Não tem hora. Não tem hora, se tiver toda hora eu tô comendo.”



ENTREVISTADO. 3

“Às vezes, não é certo, não Às vezes, uma refeição Às vezes, duas Às vezes, nenhuma”

ENTREVISTADO. 4

“Depende Quando eu como ... No Roriz Fica 10 minutos daqui”

ENTREVISTADO. 5

“O pessoal gosta da gente, ajuda a gente, entendeu? Porque eu nunca passei fome na rua, não, graças a Deus.”

ENTREVISTADO. 6

Aí, almoço, jantar, às vezes eu faço um lanche em vez de jantar, pronto.

ENTREVISTADO. 7

“Agora, aqui na rua, se eu estou com dinheiro, eu passo uma pastelaria, eu como um pastel, um bolo com café. Aí, mas diminui. Por exemplo, se eu fizesse, eu comia a conta”

ENTREVISTADO. 8

“A minha alimentação é catar, Comer do lixo! Quando vê alguém da”

Mudanças metabólicas, fisiológicas e bioquímicas tem grande impacto no estado nutricional e consequentemente na saúde dos indivíduos necessitando ao longo do tempo maiores cuidados e gastos com a saúde (Ipuchima e Costa, 2021), quando esse processo de nutrição do corpo fica prejudicado os reflexos relacionados a fragilidade, mobilidade reduzida, maior risco de quedas e o próprio agravamento do estado de saúde corroboram para aumento da mortalidade (Albuquerque et al, 2018).

A alimentação saudável para as pessoas idosas é fundamental quando se pensa em qualidade de vida e saúde, conduzindo assim para um envelhecimento com condições físicas e biológicas de vida mais satisfatórias (Ipuchima e Costa, 2021), e para as pessoas idosas em situação de rua, o cenário ideal para uma boa alimentação não seria diferente, pois um corpo bem nutrido é um corpo com melhores chances de sobreviver.



A respeito dos relatos dos entrevistados buscando evidenciar seu itinerário alimentar, ou seja, seu processo de busca pela alimentação, os 7 primeiros relatam de alguma forma que se alimentam de comidas doadas ou compradas pelos mesmos, demonstrando assim uma boa rede de solidariedade presente com essas pessoas em alguns casos mas o entrevistado 8 chama atenção por ter sido o único relato de se alimentar através de comidas provindas das lixeiras, mesmo ele estando em lugar central de Brasília de grande circulação de pessoas.

Por fim, alimentar-se adequadamente é pensar em envelhecer com dignidade e fica o questionamento, até quando essas pessoas ainda precisarão se alimentar dos restos ou da bondade dos outros?

SEGUNDA FASE: ANÁLISE DISCURSIVA DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIDADE PROPOSTA POR THOMPSON

Para contribuir com a segunda fase das proposições de Thompson (2005) segundo a metodologia hermenêutica de profundidade proposta por ele, nesta fase de análise formal ou discursiva, busca-se reforçar expressões, identificar similaridades ou particularidades e utilizar-se das narrativas.

Sendo assim, será explorado os campos temáticos sobre as nuances da rua, envelhecimento, e ser pessoa idosa em situação de rua para completar e fomentar as discussões em torno do envelhecimento apresentado nas ruas por essas pessoas que a vivenciam, de forma a contribuir e construir novos olhares a cerca das experiências trazidas pelos relatos e histórias que irão ser apresentadas.

NUANCES DA RUA

Como já discutido anteriormente em outros tópicos dessa pesquisa a rua pode ser vista e interpretada de diversas maneiras como expressão da liberdade, local de renda, socialização, mas que ao mesmo tempo pode aprisionar e inferiorizar pessoas que nela estão.

O território rua é carregado de simbolismos e características descritas de diferentes formas por aqueles que habitam, apenas circulam ou a utilizam como local de moradia, a pesquisa buscou a todo momento trazer diferentes contextos e realidades para justamente trazer reflexões concretas e não generalizadas sobre a atual situação dessas pessoas residentes nas ruas do Distrito-Federal.



A pesquisa ocorreu de pontos não estabelecidos ou pré-determinados, e a cada ida a rua em busca de possíveis participantes, o território sempre falava por si só, locais e trazia contradições ao mesmo tempo das diferentes realidades, onde por vezes eram locais grande circulação de pessoas, próximo a grandes comércios como supermercados ou shoppings e com estruturas físicas próximas possíveis para abrigamento , mas em contrapartida houveram também casos e situações de pessoas estarem morando longe de áreas centrais , com uma estrutura reduzida a um papelão para deitar-se ao chão.

O cenário aprestado traz o debate sobre as condições da miserabilidade em que essas pessoas estão sobrevivendo, com falta de condições mínimas para sua higiene, conforto e lazer, fazendo com que essas pessoas se descoloquem a grandes locais públicos na tentativa de utilizar desses espaços para dispensar cuidados a si.

Chama atenção que a PARTICIPANTE.2 foi a única a referir que sua filha tinha uma residência alugada, porém como se tratava de um grupo familiar com mais de 15 pessoas, a justificativa para ida a residência era para os netos e filhos mais novos não precisarem ficar na rua, uma vez que ninguém tinha trabalho formal e dependia da rua para sustento, alimentação e geração de renda.

Aos outros participantes nenhum referiu ter um local de apoio mesmo que alugado, mas referiram para a ajuda vinda da própria rua nos espaços públicos que circulavam, como Parque da Cidade, Feira da Região Administrativa ou feira local, e nesse sentido havia uma certo fluxo de horário estabelecido por algum guarda/ porteiro para uso desses locais com banheiros públicos onde em determinado horário as pessoas deveriam estar lá para utilizar o espaço, mesma situação ocorre com o Centro de Referencia a População em Situação de Rua no Distrito-Federal, que mesmo sabido do aumento e demanda deste publico , tem seus serviços de banho e alimentação numerados , ou seja, para queles que chegam mais cedo.

Nas próprias falas e algumas narrativas deixam claro o peso que a rua tem a sobrevivência, visto que esse território não convencional de moradia traz inúmeras questões relacionados a vida, como na saúde e no próprio processo de envelhecimento.

Sabido da heterogeneidade das pessoas que habitam as ruas, infelizmente elas são reduzidas e esvaziadas de suas singularidades e histórias (Delfin, Almeida e Imbrizi, 2017), tentando uma parte da sociedade até mesmo responsabilizá-los por seus próprios problemas, sem levar em consideração o contexto por trás envolvido que levou essas pessoas a estarem nessa condição de precarização da vida (Brito e Silva, 2022).



A rua deveria ser local de passeio, lazer, conversa e descontração para as pessoas idosas, mas o inverso como meio de moradia, sobrevivência, sustento e renda provoca estranhamento, e invisibilidade por parte da sociedade. É sabido e crescente o número de pessoas idosas envelhecendo nas ruas, e esse local não deveria servir de moradia nem que temporária, cabendo as políticas de habitação focarem na construção de uma sociedade mais justa e igualitária onde nenhuma pessoa idosa precise estar nessa condição precarizada.

E TEM ALGUMA COISA BOA SOBRE O VIVER NA RUA/MORANDO NA RUA? O QUE O SENHOR(A) ME DIZ?

ENTREVISTADO. 1

“Não tem não. A rua é difícil. Quando eu era mais nova era é bom, não sentia. Agora ela é pesada, porque está sofrida. Não tem nada. A rua é difícil.”

ENTREVISTADO. 2

“Estando na rua? Não. Não é bom, né?

ENTREVISTADO. 3

“é muito bom não, Muitas dificuldades, né? Muitas ... Com essa idade Falta de comida, falta de assistentes médicos”

ENTREVISTADO. 4

“Eu moro na rua, só tenho amizade. Só tenho amizade, graças a Deus. Só tenho amizade”

ENTREVISTADO. 5

“é muito triste pra mim, entendeu? Hoje mesmo eu consegui (vaga no albergue). Fui lá, não queria conseguir, não. Fui ver lá. Aí mandou eu ir amanhã de manhã, pra ver que ele consegue uma vaga pra mim lá, naquele albergue lá do Areal. Pra não ficar na rua.”

ENTREVISTADO. 6

“é bebida, é mulher, é tudo, é droga, é tudo, entendeu? Enquanto, se você tem o objetivo, como eu falei desde o princípio, eu vim para cá, meu objetivo aqui era me aposentar. Tô na rua. Mas, graças a Deus, corremos atrás e foi.”



‘Tô aí aposentado, entendeu? E agora foi liberado também, muitas coisas minhas. Então, essas coisas que estão, eu tô aqui pra pegar o retroativo novamente em Brasília. A verdade é essa, eu estou para pegar o retroativo. E assim que eu pegar meu retroativo, eu atravesso o Atlântico’’

ENTREVISTADO. 7

‘Não. Não tem nada bom, tudo é ruim. Porque você pega vento, você pega frio, você pega o vento frio, você pega, aí daqui em diante já começa esse ventinho aí, e eu já vou andar encolhido, daqui eu já vou andar encolhido aí para me protegendo.’’

‘O problema da rua é a proteção, é isso que você não gosta, ninguém gosta da rua. Agora, os outros mesmo que dormem aí igual, esses que você vê embrulhado aí nas esquinas, eles não estão nem aí, não é não? O problema é desse, quem achar ruim, quem chega lá, dê dinheiro, dê comida, dê tudo para eles. Se não achar ruim, deixa eu, né?’’

ENTREVISTADO. 8

‘É péssimo, filho. Isso não é vida. É tanto sofrimento, passando fome, passando, dormindo no chão.’’

O questionamento veio justamente para fazer um contraponto a negativa que a rua já impõe, buscando outras formas e maneiras de encará-las que possam trazer boas vivencias e memorias. De forma muito rápida a resposta trazida pelos participantes que configura um dissenso com a rua.

Apesar das falar por vezes duras conscientes da real situação, a percepção que ficou com alguns entrevistados foi que mesmo em meio a adversidade essas pessoas sorriem para a vida, brincam, cantam e se relacionam de forma positiva com seus pares/grupos. Mesmo trazido uma resposta negativa a rua.

Observando o relato dos entrevistados, traz uma percepção negativo sobre morar nas ruas onde as narrativas descrevem como algo pesado e difícil, com obstáculos que dificultam a vida, principalmente quando esse ser é uma pessoa idosa em condições precarizadas para viver a vida na velhice. Fernandes, Raizer e Bretas (2007 p.2), comentam que “ O lugar que o indivíduo ocupa na sociedade interfere na maneira como obtém condições para manejá-lo cuidado que dispensa a si. Tal fato remete à afirmação de que a injustiça social impacta nessa relação do cuidado, portanto, não pode ser desprezada na análise.”

Assim a condição de vida e o impacto do processo de envelhecimento se interpenetram na articulação com as inúmeras dificuldades que a rua apresenta, incluindo perdas para além das condições materiais do individuo, físicas e psicológicas, onde essa exposição cotidiana e continua a



condições vulnerabilizadoras irão influenciar em seu processo de morte precoce. Os anos potenciais de vida perdida e a mortalidade precoce ainda é tema pouco explorado pela literatura científica em relação à população idosa em situação de rua, onde os desafios diários para a sobrevivência são inúmeros, corroborando com processos de adoecimento e morte, mesmo sabendo do crescente número desde grupo populacional o longo dos anos. Viana et al (2023).

Chama atenção a fala do Entrevistado 4 em relação às amizades como algo que parece funcionar como rede de apoio, inferindo-se a sociabilidade possível que a rua apresenta como algo potencializador, onde ter alguém como companhia pode ser encarado como algo positivo e um ganho para sobreviver nas ruas, Granajo (2023, p.3) comenta, “O “estar em situação de rua” estabelece dinâmicas de trabalho, cooperação e auxílio, associadas a uma rede de apoio que constrói estratégias de sobrevivência com essas pessoas.”

Outro ponto que chama atenção são as falas dos ENTREVISTADOS. 1 e 3, que também fomentam a discussão sobre o envelhecimento nas ruas, pois quando comentam: “Quando eu era mais nova não sentia...” e “Com essa idade “ inferindo assim sobre as influências do ser pessoa idosa e residir nas ruas como algo ainda mais desafiador.

Por fim, torna-se imprescindível a superação do estigma, discriminação e a necessidade de novos olhares e política públicas que garantam um envelhecimento com dignidade, autonomia e diretos e que não reproduzam a perversidade. Algumas falas expressam o autoidadismo e uma negação da velhice como fase natural da vida.

O/A SENHOR (A) SE CONSIDERA UMA PESSOA IDOSA?

A pergunta em questão foi pensada justamente na propositiva de uma autorreflexão e construção de um processo crítico traçado pelas perguntas até o momento em que se buscou justamente a compressão se essas mesmas pessoas já enquadradas como pessoas idosas pela literatura se consideravam como tal.

Onde a partir das bases teóricas aqui postas, espera-se que esse grupo se considere como pessoa idosa, uma vez que esse reconhecimento legitima e afirma dentro de seus direitos e deveres construídos até hoje pelas políticas públicas um marco importantíssimo que visa a promoção e a continuidade de um envelhecer com dignidade.



Sabido da dificuldade desse reconhecimento que é uma questão social e histórica, a pesquisa não objetivou convencimento ou mudança de opinião sobre o assunto, mas a percepção sobre a realidadeposta que é ainda mais dificultada pelos obstáculos da vida que potencializam para um envelhecer mais acelerado.

ENTREVISTADO. 1

“Não, Idoso não. Eu tenho problema de saúde”

ENTREVISTADO. 2

“Sim”

ENTREVISTADO. 3

“Idoso sim”

ENTREVISTADO. 4

“Sou. Eu não sou novo, ué.”

ENTREVISTADO. 5

“eu sou mais de meia idade já, entendeu? Eu sou idoso mesmo, não tem jeito.”

ENTREVISTADO. 6

“Eu sou uma pessoa idosa, mas por dentro de mim eu já não me considero idoso, eu não sei por que, entendeu? Eu ainda tenho o meu espírito de, acho que de moleque ainda, entendeu?”

ENTREVISTADO. 7

“Eu considero, 73 anos eu considero.”

ENTREVISTADO. 8

“Não, meu filho. Eu não me considero idoso, não. Eu tenho muita força, muita vontade.”



Trabalhando o conceito de autopercepção, trazido como a percepção que um sujeito tem de si próprio segundo vários autores, inclusive o estudo recente de Priberam (2025), buscou-se captar por intermédio dessa pergunta qual a relação entre a idade, corpo e perceber-se ou não como pessoa idosa.

Dos 8 entrevistados, 6 disseram reconhecer-se como pessoa idosa, e dois afirmaram o contrário, demonstrando ainda como um desafio reconhecer-se como pertencente a esse grupo. Entretanto, entre alguns dos seis que afirmaram ser idosos, observa-se uma representação social da juventude como força e potência.

O idadismo presente não é um assunto isolado nem tão pouco pertencente a um único grupo social, mas que deva ser desmascarando como uma condição de novos olhares e possibilidades.

Chama atenção a fala do ENTREVISTADO. 1 dizer não ser idoso, mas ter problema de saúde, recordando alguns pensamentos de Beauvoir (p.290. 1986). “Assim, muitos deles tomam como um

insulto qualquer alusão à sua idade: querem, a todo preço, crer que são jovens: preferem acreditar-se em mau estado de saúde a considerar-se idosos.”

“Um envelhecimento será cada vez mais satisfatório quanto maior for o poder do indivíduo assimilar e não renunciar às mudanças físicas, psicológicas e sociais, adaptando-se, sem sofrer em demasia, aos novos papéis sociais que desempenhará no decorrer da sua vida.” (Bretas et al, p.2, 2009).

Para completar os pensamentos até aqui construídos, foi questionado sobre o entendimento de envelhecimento para essas pessoas, buscando mínimas abstrações expressadas no momento das entrevistas.

Essa pergunta veio justamente em conformidade e com os objetivos da pesquisa de melhor detalhar através da história oral de vida a percepção através da linguagem o que esse grupo populacional comprehende sobre envelhecer e se veem nesse processo da velhice.

Novamente as respostas não buscaram conformidades ou assertos, mas simplesmente trazer reflexões sobre o dito para contribuições não somente desta pesquisa, mas de estudos futuros que precisam discutir e aprofundar essas questões.

ENTREVISTADO. 1

“É mais experiência. Não tem diferença não, só que a saúde, né, que nem a saúde, ela afeta.”

ENTREVISTADO. 2

“Envelhecer é que a gente nasce um bebê novo e vai ficando velho, cada dia mais vai ficando velho, velho, velho, até de cabelo branco . . . E cada envelhecimento é uma inspiração.”

ENTREVISTADO. 3

“Normal! Normal! Normal!”

ENTREVISTADO. 4

“É parar da Pinga e ficar sem tomar cachaça, é?... Eu quero ficar mais velho ainda”

ENTREVISTADO. 5

“Sempre a minha alma. Não sei nem te explicar pra vocês, entendeu?”

ENTREVISTADO. 6

“É você ter a vivência da vida e, ao mesmo tempo, você não aprendeu nada.”

“Eu sei que eu não tenho mais 30 anos de vida, ainda mais com a alimentação de hoje em dia que todos nós comemos, entendeu?”

ENTREVISTADO. 7



‘Envelhecer é bom demais, porque se você não envelhecer, você morre. Se envelhecer, você morre, e morrer acabou.’

ENTREVISTADO. 8

‘Olha aí. É uma parte muito cansativa. É triste, né? É. Nem eu agora. Agora qualquer tipo de serviço eu faço. Mas eu preciso me alimentar, né?’

Compreender envelhecimento e as múltiplas velhices é compreender que o corpo apresenta o registro dos múltiplos sistemas de opressão sofridos ao longo da vida, a força dos marcadores sociais de desigualdade que fazem com que as próprias pessoas idosas reproduzam tal discurso e nesse debate, seja qual for a idade, raça/etnia, gênero, sexualidade, classe há de se questionar por que muitas pessoas não conseguem envelhecer ou não chegar aos sessenta anos.

As falas apresentadas pelos participantes trazem uma reflexão importante sobre esse entendimento do envelhecer que para alguns é tido como algo normal, único e positivo demonstrando que mesmo sabido que esse envelhecimento vivenciado é longe do ideal, esse raciocínio caminha para um processo da velhice como algo bonito, esperado e determinado a vida.

Partindo das entrevistas, percebeu-se que no momento da entrevista desse questionamento, houve pausas breves e outras mais longas, exigindo um tempo maior de resposta, mas todos conseguiram responder e expressar suas opiniões e vivências, evidenciando assim a importância de conhecer a visão das pessoas idosas a respeito do envelhecimento a partir das representações que as ocupam, as convergências e divergências nos estereótipos sobre a velhice apresentados nos estudos (Fonseca et al, 2016).

Os ENTREVISTADOS 1 e 6 trouxeram a reflexão associada a experiência e vivência em ser uma pessoa mais velha como portadora de conhecimentos e experiências vividas ao longo do tempo. O destaque na fala do 6 é o contraponto de chegar a uma tese e antítese entre experiência e conclusão de que ainda não aprendeu nada

Visto pela fala do ENTREVISTADO. 2, infere-se o entendimento como algo processual que vem desde o início da vida, ou seja, algo pelo qual todas as pessoas irão passar independente de qual condição estejam. Mas ele surpreende na sua compreensão profunda da singularidade das velhices por assumir o envelhecer como inspiração.

Observou-se também nas falas dos participantes uma compreensão do envelhecimento articulado às questões de saúde, mesmo que não dito de forma objetiva, percebe-se a questão pelas



falas de estar saudável ou não ter doenças, relacionadas a alimentação corroborando com a determinação social e a forma que essa pessoa tem levado a vida e em que condições ela envelhece (Mendes et al, 2005).

FASE DE INTERPRETAÇÃO OU RE-INTERPRETAÇÃO DA HERMENEUTICA DE PROFUNDIADE

Contemplando a terceira e última fase proposta por Thompson (2005), a interpretação ou reinterpretação propõe registrar uma apreensão geral de todo o processo explorado, de forma a unir todos as discussões até aqui feitas.

Ouvir as narrativas das pessoas se apresenta como uma oportunidade de descobertas e ao mesmo tempo desafios e limites, principalmente aos que vivenciam uma realidade totalmente diferente daquele que vive e narra. Interpretar sentidos do existir das pessoas em situação de rua que participaram dessa pesquisa e que vivem nas ruas da capital do país requer reconhecer os limites dessa interpretação e reinterpretação.

A articulação entre as situações de rua e as velhices parecem não ser percebidas como prioridade na agenda política das cidades, ou seja, ainda há pouca ou nenhuma articulação, fluxo e direcionamento governamental para as pessoas que estão envelhecendo nas ruas, fenômeno esse crescente principalmente nas grandes capitais do país. As historicidades das velhices e da vida em situação de rua expressam múltiplas dimensões do social. O processo de ida/ permanência nas ruas, apesar de não ter sido o foco da pesquisa, conversa muito com as questões trabalhistas do passado, onde oportunidades que se fecham, escancaram a necessidade de expor-se ao mundo na tentativa de circunstâncias que tragam a esperança do retorno ao acesso aos meios de sobrevivência pelo trabalho informal.

ENTREVISTADO. 1

“Eu trabalhei ... trabalhei muito no sindicato. Eu só tenho seis anos de carteira assinada.”

ENTREVISTADO. 3

“... eu tô querendo me aposentar, né?”

ENTREVISTADO. 4

“Eu morava no Cruzeiro Novo. Eu trabalhava de porteiro Quando era gente, hoje eu baguncei”



ENTREVISTADO. 6

“Quando você fica no seguro-desemprego, essas coisas, você tem que saber viver.”

O trabalho sempre foi visto como um grande atributo de dignificar o homem, e nos relatos a história vivida traz uma determinada honra percebida pelas contribuições trabalhistas feitas, mesmo que a pergunta direcionada ao assunto não tivesse ainda sido feita esse assunto foi um dos mais mencionados trazido com muita saudade e apreço.

Para além do trabalho, o meio sócio-histórico que vai moldando a essas pessoas que hoje contam e dizem sobre suas vidas e vivencias, recordam o passado com maestria, onde reconhecer-se como individuo no mundo é uma forma de reafirmar suas histórias.

“...do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (Bosi, 1979 p.23,).

E O QUE O SENHOR(A) TEM DE LEMBRANÇAS BOAS DA VIDA?

Essa pergunta foi pensada de forma a solidificar as narrativas contadas, construindo uma ponte entre o vivido e o presente buscando contemplar bons momentos passados trazidos pela memoria que é viva e conta uma história única que é individual de cada um e que contribui no processo formativo de constituição do ser enquanto individuo, mas não resume apenas a isso, entendendo que existe diversas dimensões, influências, culturas e modos de vida que moldam esse ser.

ENTREVISTADO. 2

“Lembranças boas, tem várias lembranças boas. Quando estava com a sua mãe? Quando estava com minha mãe, que eu perdi minha mãe, que eu vim pra cá. Minha mãe, quando faleceu, eu peguei carona, vim embora pra aqui. Meu filho, que tem três filhos, que hoje não é vivo mais. Os outros filhos, tudo é lembrança boa pra mim. Não tem nada ruim, não. E agradeço a Deus por ter meus filhos.”



ENTREVISTADO. 3

“...Ah, isso é quando eu era jovem Quando eu era novo Eu tinha casa, tinha mulher, tinha tudo Enfim, acabou tudo”

ENTREVISTADO. 4

“Rapaz, lembranças boas eu tenho Graças a Deus ... Tem Quando eu morava lá no Santo Antônio, quando eu trabalhava no Cruzeiro quando eu tinha dinheiro”.

ENTREVISTADO. 5

“A lembrança boa que eu tenho da vida foi na época que eu tava, que eu entrei no quartel, entendeu? Sem estudo, sem nada, mas graças a Deus eu consegui. Eu era soldado, entendeu? Eu venci meu tempo gordinho, entendeu? Não segui carreira porque eu não tinha estudo.”

ENTREVISTADO. 6

“Lembranças boas. Lembranças boas, eu tenho o nascimento das minhas filhas. Quando eu vi a minha filha pela primeira vez... O nascimento da minha outra filha, o nascimento da minha filha. São as melhores coisas da minha vida”

ENTREVISTADO. 7

“Ah, lembrança boa. Boa, boa mesmo. Eu acho que até os 20 anos. Foi boa, boa, boa. Da casa do meu pai, resumindo, não vou explicar nada, da casa do meu pai.”

ENTREVISTADO. 8

“Oh, meu filho. A minha casa. O meu lar. O meu trabalho. Eu levantava pra ir trabalhar. Comida na tarde. Dormia na tarde. Né? Minha semana. Assava carne. Dormia com a família. Todo dia. Eu que fazia. Eu assava carne. Eu fazia comida, né? Que cozinha também.”

Percebe-se que muitos trazem relatos da vida cotidiana, fortemente marcado por relações sociais, sejam elas com cônjuge ou com os filhos, e vislumbrar uma rotina em meio a tantos acontecimentos e adversidades da rua possa ser ainda algo abstrato e complexo.

Do mesmo modo, outro assunto bastante discutido e considerado peça-chave para a pesquisa foi os discursos em torno do reconhecer-se como pessoa idosa e a apreensão sobre o que achava ser envelhecimento. Nesse sentido houve diversas respostas, não sendo caracterizadas como certas ou erradas, mas vistas como integrantes do processo de acumulativo individual e de vivência sobre o assunto.

Apesar de ser uma população sensível às diversas ausências de políticas públicas, fica o questionamento, essa dificuldade em reconhecer-se como pessoa idosa, vem de uma construção social que alcança todas as gerações e permeia todos os espaços de interação? Ou também reflete uma ausência de educação para o envelhecer, uma vez que a longevidade ainda não entrou na agenda do



MEC, conforme o art. 22 do Estatuto da Pessoa Idosa estabelece? Os estudo estudos qualitativos precisam seguir discernindo os significados da educação ao longo da vida de pessoas e os impactos que ela produz.

Mas que ao mesmo tempo não se pode deixar de discutir problemáticas atuais como o idadismo estrutural, como forma de preconceito e discriminação a idade, em especial aos mais velhos, sendo recorrente no cotidiano e na forma como as pessoas se veem ou são vistas e as instituições priorizam suas ações (Moura et al, 2024).

Sendo assim, esperançar e lançar-se ao mundo dos sonhos e desejos traz a ternura de uma vida de possibilidades, onde ser pessoa idosa não é o fim, e estar em situação de rua deva ser encarado como transitório a chances de um novo dia.

QUAL SEUS SONHOS?

A pergunta em questão foi pensada como instrumento de quebra de pré-conceitos e infelizes dizeres sobre a PSR, uma vez que essas pessoas são reduzidas socialmente ao mínimo e silenciada de suas histórias de vida. Explorar esse lado mais íntimo desse grupo releva a necessidade de novos olhares com esse público esquecido não só pela sociedade, mas também pela literatura acadêmica.

ENTREVISTADO. 1

“é arrumar um trabalho e sair da rua. E cuidar da minha saúde, né? Porque eu sou ritímico (referindo a arritmia cardíaca)”

ENTREVISTADO. 2

“Meu sonho, se eu tivesse condições mesmo, era montar uma casa pra cuidar dos velhinhos. Cuidar, não ver ninguém judiar, pentear o cabelo, cuidar. Assim, ter aqueles moradores de rua pra tomar conta, chegar e tomar banho. Igual o Bárbara faz. Entendeu? Ter uma casa própria, uma moradia própria, que eu não tenho. Uma moradia própria, que eu não tenho. Às vezes eu pago aluguel pra meus filhos ficarem. Mas é muita gente, às vezes eu não fico perto. Eu gosto de ficar mais acima. Uma moradia, que eu nunca tive uma moradia. Ninguém nunca me deu uma moradia aqui. Tem mais de 30 anos, nunca me deram uma moradia.”

ENTREVISTADO. 3

“Meu sonho é reconstruir tudo, né? Casa, mulher, emprego”



ENTREVISTADO. 4

“De primeiro nós vamos começar tudo, se Deus quiser, começar tudo depois de janeiro”

Moura et al, Superando o Idadismo, guia de boas práticas para a convivência intergeracional, Universidade de Brasília, 2024

ENTREVISTADO. 5

“Ah, meu sonho é o mesmo. Eu quero continuar a minha vida, né? Eu quero sair dessa vida de rua, entendeu? Meu sonho é esse, que eu penso toda vida. Essa vida de rua não dá certo, não. É bom por um ponto, né? Mas é ruim por outro. Que na hora de dormir, esse tempo de chuva, é ruim demais pra você, entendeu? E você é muito humilhado também. Você aguenta muita humilhação, entendeu? Dos outros. Esses guardas mesmo que ficam vendo a UPA, feito o hospital, tudo. Gostam de pagar sapo pros outros”

ENTREVISTADO. 6

“Ah, rapaz, o meu sonho é um dia antes de eu morrer, eu ver, eu, eu, olha, cara, eu conversar com minhas duas filhas, meu filho, entendeu? Que todos eles vejam. Toda a família toda reunida. Toda a família reunida. Reunida, numa paz, pronto.”

ENTREVISTADO. 7

“Nenhum. Nenhum. O que Deus realizar pra mim de bom eu aceito. Eu aceito. Eu aceito. Eu aceito. Eu aceito. Se eu comprar uma casa, eu adquirir uma casa, eu adquirir, eu casar, eu amigar, eu juntar, eu arrumar uma boa namorada, bonita, tudo isso, o que aparecer eu aceito.”

ENTREVISTADO. 8

“Ah, meu Deus. Meu sonho é chegar em casa. Trabalhar. Dar tudo o que a minha mãe precisa. E o menino... Comer o que eu gosto de comer”

Os pensamentos até aqui trazidos partem um pouco da intimidade explorada e dita por aqueles que assim quiseram, trazendo dentro de suas concepções e vivências suas, vontades, metas e desejos ditos como sonhos aqui nomeado.

Trazido como a pergunta final ao processo interrogativo da pesquisa e no momento das entrevistas, esse questionamento foi fundamental como fechamento do todo o processo mediado e explorado afim de justamente trazer relatos, memórias e contos de pessoas pouco ouvidas e desconhecidas pelo outro.

Partindo do olhar sobre sonhos como projetos futuros, Barros e Santos (2025) diz que as particularidades das pessoas diante de suas escolhas, precisam ser compreendidas, entendendo que envelhecimento tem novas conotações, principalmente de desconstrução de um discurso de perda, declínio e invalidez, mas que devia ser entendido como processo de desenvolvimento, onde ter projetos de curto, médio e longo prazo configura como uma forma de viver ativamente

Relato do Pesquisador

Ao longo da pesquisa evidenciou-se seu caráter singular, impactante e belo, demonstrando-se alinhada às lutas que considero essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Nessa perspectiva, defendo o respeito irrestrito aos direitos de todas as pessoas independente de idade, gênero, raça, religião, orientação sexual ou condição socioeconômica, pois comprehendo que todos devem ser reconhecidos e respeitados em sua dignidade enquanto seres humanos.

A seguir, apresento registros fotográficos capturados por mim, que expressam o sentimento genuíno de um pesquisador que ansiava por documentar, ainda que minimamente, a vivência desse processo investigativo. Durante essa trajetória, o encontro, o contato físico pelo tato e a troca de olhares mostraram-se mais significativos do que qualquer relato encontrado artigos ou livros científicos.

Nos momentos que antecederam as entrevistas, surgiram incertezas, dúvidas e questionamentos sobre a melhor abordagem a ser adotada. Questões como "qual vestimenta seria mais adequada?", "como se daria esse encontro?" foram se dissipando à medida que a escuta se desenvolvia. As interações transformaram-se em experiências prazerosas, emocionantes e repletas de histórias carregadas de significado. A escolha da vestimenta pautou-se pela simplicidade, considerando a possibilidade de sentar-se ao chão e evitando qualquer elemento visual que pudesse desviar a atenção do foco principal. Optei pelo uso de chinelos ou sandálias, calça jeans simples e uma blusa, além de levar comigo uma bolsa carteiro de algodão – presente recebido em um encontro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nessa bolsa, carregava uma prancheta, papéis, caneta e uma garrafa de água.

A realização de uma pesquisa in loco, em um ambiente não controlado e, por vezes, exposto a condições climáticas adversas e à insegurança, representou um desafio operacional. A maior dificuldade ocorreu ao realizar entrevistas nas imediações das pistas da Rodoviária do Plano Piloto, próximas a semáforos, onde foi necessário disputar um espaço seguro com os veículos, lidar com o barulho dos motores e com os acontecimentos urbanos, ao mesmo tempo em que buscava manter a atenção do entrevistado. Esse contexto exigiu perspicácia para conduzir o momento com sensibilidade e cuidado.



Foram percorridos aproximadamente 100 quilômetros por Brasília, abrangendo regiões administrativas como Sobradinho, Taguatinga, Asa Norte, Asa Sul, Paranoá, Ceilândia, Sol Nascente e Estrutural, com o intuito de captar a diversidade e as diferentes realidades das pessoas idosas em situação de rua. A cada parada, ao me deparar com pessoas nessas condições, sentia um misto de apreensão e o desejo de estar contribuindo para captar nuances de vidas em resistência e lutas pela sobrevivência, mesmo que esse existir ainda não seja plenamente compreendido. Mais do que um exercício acadêmico, essa experiência revelou-se um exercício de contato e aproximação com o outro (Mattos et al., 2016).

Todas as imagens utilizadas foram capturadas mediante autorização dos participantes, que assinaram o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para Fins de Pesquisa, registrado em duas vias – uma entregue ao entrevistado e outra mantida sob a guarda do pesquisador.

MEMÓRIAS VIVAS EM FOTOGRAFIA

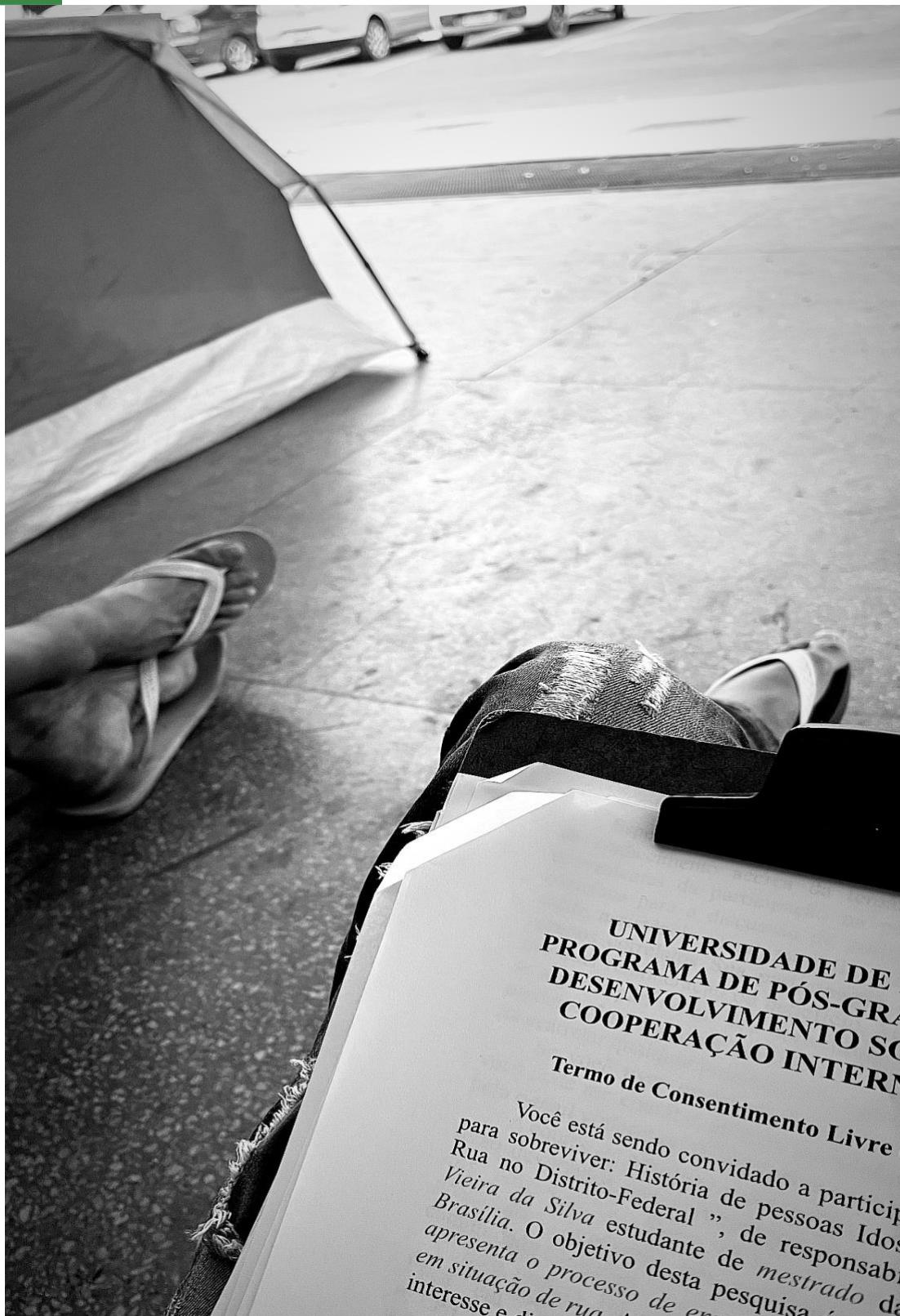
Diante das Fotos de Evandro Teixeira

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo, sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das imagens.

Fotografia — é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando,
e da evanescência de tudo
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel [...]

Carlos Drummond de Andrade 1985.



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



Fonte: Silva,2024



LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A presente pesquisa teve como limitação desde seu início a pouca ou inexistente produção acadêmica disponível que aborde pessoas em situação de rua no recorte de pessoas idosas, seja em políticas, diretrizes e leis, demonstrando a necessidade e um grande desafio a ser percorrido

Questões como tamanho da amostra, falta de dados disponíveis publicamente ou confiáveis foi outro fator marcante, bem como o não mapeamento deste público a nível da unidade da federação dificultando sua localização e melhor caracterização.

Restrições relacionadas ao tempo associada a um ambiente não controlado foram fatores desafiadores e por vezes limitantes para que a pesquisa pudesse prosseguir.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o cenário contemporâneo da população idosa em situação de rua no Brasil. As múltiplas manifestações da desigualdade social no país, que afetam de forma mais intensa, os grupos em situação de vulnerabilidade, especialmente aqueles cuja garantia de acesso a direitos fundamentais, como moradia, trabalho digno e renda, saúde, educação, segurança alimentar e nutricional, é limitada ou inexistente. A ausência dessas condições compromete o pleno exercício da cidadania, acentuando a exclusão social e aprofundando as adversidades enfrentadas ao longo da vida, em especial com maior intensidade na fase da vida da velhice.

Para alcançar esse propósito, foi realizada uma análise da literatura nacional sobre a temática, por meio de uma revisão de escopo, além da condução de entrevistas que permitiram o registro de narrativas e vivências de pessoas idosas em situação de rua no Distrito Federal.

Como demonstrado pela revisão de escopo, conclui-se que as situações adversas da vida e fatores internos corroboram para ida e permanência na rua das pessoas idosas, que por essa condição precarizada de vida, ficam expostos a violência, fome, descriminação, negação de direitos e doenças, onde essa somatização contribui para um envelhecer desafiador e ainda pouco estudado, onde a dupla vulnerabilidade em ser pessoa idosa e estar em situação de rua configura uma condição por vezes de invisibilidade a sociedade e a pautas políticas.

As pessoas em situação de rua tem sido tema frequente e já bastante estudado ao longo dos anos, por tendências discriminatórias e taxativas que desqualificavam ou deslegitimavam essas pessoas enquanto indivíduos presentes e pertencentes a sociedade, as rebaixando a doenças, prostituição e drogadição.

Estar em situação de rua é entendido como algo transitório e que merece atenção e ação da sociedade e de políticas públicas que intervenham para a dignidade e respeito com esse público, principalmente ao grupo de pessoas idosas nessa condição, tema esse novo e ainda pouco explorado pela literatura.

Cumprindo assim com os objetivos da pesquisa, reconhece-se a importância e a necessidade de explorar as múltiplas velhices por diversos aspectos e abordagens, onde através da história oral, onde foi possível entrevistar 9, percebeu-se os desafios, as lutas e as potencialidades de pessoas vivendo em situações extremas a vida na capital e mesmo com todas essas adversidades não deixam de sonhar e acreditar na possibilidade de dias melhores.



Sendo assim, que as contribuições feitas até aqui sirvam para além da academia científica, e façam de inspiração para outras abordagens e metodologias que discutam as questões relacionadas as pessoas idosas por várias perspectivas indo assim ao encontro de uma sociedade mais consciente e que se sensibilize a luta por um envelhecimento digno, e com garantia de direitos.



REFERÊNCIAS

1. ABREU C. «DESIGUALDADE SOCIAL E POBREZA: ONTEM, HOJE E (QUE) AMANHÃ», *REVISTA ANGOLANA DE SOCIOLOGIA [ONLINE]*, 9 | 2012, POSTO ONLINE NO DIA 11 DEZEMBRO 2013
2. AGUIAR M.M; A CONSTRUÇÃO DAS HIERARQUIAS SOCIAIS: CLASSE, RAÇA, GÊNERO E ETNICIDADE, **CADERNOS DE PESQUISA DO CDHIS** — N. 36/37 — ANO 20 — P. 83-88 — 2007
3. ALBUQUERQUE, SAMARA MARIA DE ET AL. FATORES QUE AFETAM O CONSUMO ALIMENTAR E A NUTRIÇÃO DO IDOSO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (BACHAREL EM NUTRIÇÃO) - **UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL**, 2018.
4. ALMEIDA, SF DE; JÚNIOR, DR; SOUZA, RP A RUA COMO ESPAÇO E TEMPO DE POSSIBILIDADES EDUCATIVAS. **REVISTA INTER-AÇÃO** , V. 2, PÁG. 323, 2016.
5. ALMEIDA, SILVIO LUIZ DE RACISMO ESTRUTURAL / SILVIO LUIZ DE ALMEIDA. -- SÃO PAULO : SUELI CARNEIRO ; PÓLEN, 2019.
6. ANDRADE, L. P.; COSTA, S. L. DA ; MARQUETTI, F. C.. *A RUA TEM UM ÍMÃ, ACHO QUE É A LIBERDADE: POTÊNCIA, SOFRIMENTO E ESTRATÉGIAS DE VIDA ENTRE MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SANTOS, NO LITORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO.* **SAÚDE E SOCIEDADE**, V. 23, N. 4, P. 1248–1261, OUT. 2014.
7. BARDIN, LAURENCE. ANÁLISE DE CONTEÚDO. TRADUZIDO POR LUÍS ANTERO RETO, AUGUSTO PINHEIRO. **SÃO PAULO: EDIÇÕES 70**, 2011. TRADUÇÃO DE: L'ANALYSE DE CONTENU.
8. BEAUVOIR, S., 1908-1986. A VELHICE [RECURSO ELETRÔNICO] / SIMONE DE BEAUVOIR; TRADUÇÃO MARIA HELENA FRANCO MARTINS. – 3. ED. – **RIO DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA**, 2018.
9. BEZERRA MS, JACOB MC, FERREIRA MA, VALE D, MIRABAL IR, LYRA CO. FOOD AND NUTRITIONAL INSECURITY IN BRAZIL AND ITS CORRELATION WITH VULNERABILITY MARKERS. **CIEN SAUDE COLET.** 2020;25(10):3833-46.



10. BARROS, Amanda Souza Lopes; SANTOS, Cláudimara Chisté. Moinhos de sonhos: projetos de vida no envelhecimento. **Psicol. Am. Lat.**, México , n. 36, p. 217-228, dez. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2021000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 fev. 2025.
11. BONICENHA R.C., ONDE VOCÊ VAI VIVER QUANDO ENVELHECER ? PESQUISA ABC ,Nº 29, ABRIL DE 2021.
12. BOSI, ECLÉAMEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DOS VELHOS. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS. .(1979),
13. BRASIL, LEI Nº 14.620, DE 13 DE JULHO DE 2023, DISPÕE SOBRE O PROGRAMA MINHA CASA, MINHA VIDA, ALTERA O DECRETO-LEI Nº 3.365, DE 21 DE JUNHO DE 1941 (LEI DA DESAPROPRIAÇÃO), A LEI Nº 4.591, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1964, A LEI Nº 6.015, DE 31 DE DEZEMBRO DE 1973 (LEI DOS REGISTROS PÚBLICOS), A LEI Nº 6.766, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1979, A LEI Nº 8.036, DE 11 DE MAIO DE 1990 (LEI DO FGTS), A LEI Nº 8.677, DE 13 DE JULHO DE 1993, A LEI Nº 9.472, DE 16 DE JULHO DE 1997, A LEI Nº 9.514, DE 20 DE NOVEMBRO DE 1997, A LEI Nº 10.188, DE 12 DE FEVEREIRO DE 2001, A LEI Nº 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002 (CÓDIGO CIVIL), A LEI Nº 10.931, DE 2 DE AGOSTO DE 2004, A LEI Nº 11.977, DE 7 DE JULHO DE 2009, A LEI Nº 12.462, DE 4 DE AGOSTO DE 2011, A LEI Nº 13.105, DE 16 DE MARÇO DE 2015 (CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL), A LEI Nº 13.465, DE 11 DE JULHO DE 2017, A LEI Nº 14.063, DE 23 DE SETEMBRO DE 2020, A LEI Nº 14.133, DE 1º DE ABRIL DE 2021 (LEI DE LICITAÇÕES E CONTRATOS ADMINISTRATIVOS), A LEI Nº 14.300, DE 6 DE JANEIRO DE 2022, E A LEI Nº 14.382, DE 27 DE JUNHO DE 2022, E REVOGA DISPOSITIVOS DA LEI Nº 14.118, DE 12 DE JANEIRO DE 2021. DISPONÍVEL EM: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14620.htm>. ACESSO EM: 11 JAN. 2025.
14. BRASIL, MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA – MDHC, POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - DIAGNÓSTICO COM BASE NOS DADOS E INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS EM REGISTROS ADMINISTRATIVOS E SISTEMAS DO GOVERNO FEDERAL, BRASÍLIA, AGOSTO DE 2023.



15. BRASIL, POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - DIAGNÓSTICO COM BASE NOS DADOS E INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS EM REGISTROS ADMINISTRATIVOS E SISTEMAS DO GOVERNO FEDERAL,2023.
16. BRASIL. [CONSTITUIÇÃO (1988)]. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. BRASÍLIA, DF: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
17. BRÉTAS, A. C. P. ET AL.. QUEM MANDOU FICAR VELHO E MORAR NA RUA?. **REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP**, V. 44, N. 2, P. 476–481, JUN. 2010.
18. BRITO, C. E SILVA.L, NASCIMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: ESTIGMAS, PRECONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO EM SAÚDE. **CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA [ONLINE]**. V. 27, N. 01, PP. 151-160.,2022.
19. BRITO, C.; SILVA, LN DA. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: ESTIGMAS, PRECONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO EM SAÚDE. **CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA** , V. 1, PÁG. 151–160, 2022
20. BROIDE J., ENVELHECER VIVENDO NAS RUAS: A EXPERIÊNCIA RADICAL DO DESAMPARO, ARTIGO 2, PÁGINA 32-45, **MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO / EDIÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO.** – SÃO PAULO: SESC SÃO PAULO, V. 32, N. 81, DEZEMBRO 2021
21. CARNEIRO.SUELI, RACISMO, SEXISMO E DESIGUALDADE NO BRASIL /— SÃO PAULO :SELO NEGRO, 2011.
22. CARVALHO G.S.; ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA SOBRE PESSOA IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL A PESSOA IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA, QUEM SE IMPORTA, **DISSERTAÇÃO**,2021.
23. CHIAPETTI, R.J.N; PESQUISA DE CAMPO QUALITATIVA: UMA VIVÊNCIA EM GEOGRAFIA HUMANISTA, **GEOTEXTOS**, VOL. 6, N. 2, DEZ., 139-162, 2010.
24. CODEPLAN, COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO-FEDERAL, PERFIL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO DF, **BRASÍLIA**, 2022.



25. COLLINS, PATRICIA HILL INTERSECCIONALIDADE [RECURSO ELETRÔNICO] / PATRICIA HILL COLLINS, SIRMA BILGE ; TRADUÇÃO RANE SOUZA. - 1. ED. - SÃO PAULO : **BOITEMPO**, 2020.
26. CORTINA, A. APOROFobia, A AVersão AO POBRE: UM DESAFIO PARA A DEMOCRACIA. SÃO PAULO: **EDITORACONTRACORRENTE**, 2020.
27. CORTINA, A. APOROFobia, EL RECHAZO AL POBRE: UN DESAFÍO PARA LA DEMOCRACIA. BARCELONA: **EDITORIA PAIDÓS**, 2017.
28. CORTINA, A. "APOROFobia". **JORNAL EL PAÍS**[2000]
29. DELFIN, L.; ALMEIDA, LAM DE; IMBRIZI, JM A RUA COMO PALCO: ARTE E (IN)VISIBILIDADE SOCIAL. **PSICOLOGIA & SOCIEDADE** , V. 0, 2017.
30. ESTATUTO DA PESSOA IDOSA: LEI FEDERAL Nº 10.741, DE 01 DE OUTUBRO DE 2003. BRASÍLIA, DF: SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS, 2004.
31. FERMENTÃO, C.A.G.R.; SIQUEIRA, D. P.; ANDRECIOLI, S. M. O DESAMPARO DOS IDOSOS EM SITUAÇÃO DE RUA: ESTADO EXCEÇÃO DIANTE DAS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS DA PERSONALIDADE E INEFETIVIDADE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROMOÇÃO HUMANA. **PENSAR - REVISTA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS**, V. 29, N. 1, P. 1–18, 1 MAR. 2024.
32. FERNANDES, F.S.L., RAIZER, M.V.,&BRÉTAS, A.C.P. (2007). OLD, POOR AND OUT ON THE STREETS: ON THE ROAD TO EXCLUSION.RIBEIRÃO PRETO (SP): **REVISTA LATINO-AMERICANA. ENFERMAGEM**,15(N.OSPE.).
RECUPERADOEM01 ABRIL, 2015,
DE:HTTP://WWW.SCIENO.BR/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S0104-11692007000700007&LNG=EN&NRM=ISSO
33. FERRARI M.A.L.D., O PAPEL DA DIFERENÇA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE , **BOLETIM DE PSICOLOGIA**, VOL. LVI, N 124: 01-08, 2006.
34. FONSECA, V. ET AL. ARTIGOS ORIGINAIS / ORIGINAL ARTICLES UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DO ENVELHECIMENTO: A PERCEPÇÃO DE IDOSOS SOBRE A VELHICE A VIEW ON THE AGING PROCESS: ELDERLY'S PERCEPTION OF OLD AGE. **REV. BRAS. GERIATRIA E GERONTOLOGIA**, V. 8, N. 1, 2006.
35. FRIAS MAE, ET AL, IDOSOS EM SITUAÇÃO DE RUA OU VULNERABILIDADE SOCIAL: FACILIDADES E DIFICULDADES NO USO DE FERRAMENTAS



COMPUTACIONAIS, **REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM**. 2014 SET-OUT;67(5):766-72.

36. GOMES T.M, VIDAL L., PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL NA CONSOLIDAÇÃO DO SUAS: AVANÇOS E D, GESTÃO SOCIAL, **REVISTA DO FÓRUM NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**,2013.
37. GOMES M.C, OLIEIRA A.A., ALCARÁ, A.R; ENTREVISTA: UM RELATO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA, **VI SEMIÁRIO EM CIENCIA DA INFOMRAÇÃO**, LONDRINA-PARANÁ,2016.
38. GRAMAJO, C. S. ET AL.. (SOBRE)VIVER NA RUA: NARRATIVAS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A REDE DE APOIO. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, V. 43, P. E243764, 2023.
39. GRAMAJO, C. S. ET AL.. (SOBRE)VIVER NA RUA: NARRATIVAS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A REDE DE APOIO. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, V. 43, P. E243764, 2023.
40. GUSMÃO, B.DA S., LEITE, K.L.Y., MONTEIRO, L., UMENO, M.B., PESSUTTI, M.S., SANTOS, Q.S. BATISTA, S.C. & FALCÃO, D.V.DA S. IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA E VIVÊNCIA EM CENTROS DE ACOLHIDA: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA TEMÁTICA KAIRÓS GERONTOLOGIA**,15(6), “VULNERABILIDADE/ENVELHECIMENTO E VELHICE: ASPECTOS BIOPSICOSSOCIAIS”, PP.313-33,2012.
41. IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**, CENSO DEMOGRÁFICO 2022 POPULAÇÃO POR IDADE E SEXO PESSOAS DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE RESULTADOS DO UNIVERSO BRASIL, GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO, RIO DE JANEIRO 2023
42. IPUCHIMA, M. T. .; COSTA , L. L. . THE IMPORTANCE OF HEALTHY EATING HABITS IN OLD AGE. **RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT**, [S. L.], V. 10, N. 14, P. E203101421858, 2021. DOI: 10.33448/RSD-V10I14.21858. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://RSDJURNAL.ORG/INDEX.PHP/RSD/ARTICLE/VIEW/21858](https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/21858). ACESSO EM: 18 JAN. 2025.
43. KALACHE, A. ET AL. ENVELHECIMENTO, VELHICES E INTERSECCIONALIDADES. **REVISTA BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA**, V. 26, P. E230249, 2023.



44. KALACHE, A. ET AL. ENVELHECIMENTO, VELHICES E INTERSECCIONALIDADES. REVISTA BRASILEIRA DE GERONTOLOGIA, V. 26, P. E230249, 2023.
45. KUNZ, G. S.; HECKERT, A. L.; CARVALHO, S. V.. MODOS DE VIDA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: INVENTANDO TÁTICAS NAS RUAS DE VITÓRIA/ES. **FRACTAL: REVISTA DE PSICOLOGIA**, V. 26, N. 3, P. 919–942, SET. 2014.
46. KUNZ, GS; HECKERT, AL; CARVALHO, SV MODOS DE VIDA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: INVENTANDO TÁTICAS NAS RUAS DE VITÓRIA/ES. **FRACTAL: REVISTA DE PSICOLOGIA**, V. 3, PÁG. 919–942, 2014.
47. LIMA, ANTONIO AILTON DE SOUSA; MOURA JUNIOR, JAMES FERREIRA; CARVALHO, SOCORRO TAYNARA ARAÚJO; SILVA, MARIA RITA DA; LIMA, EZEQUIEL NUNES DE; ROCHA, JARDEL FELIPE. POBREZA, RAÇA E SUAS INTERSECÇÕES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA (2015-2021). **REVISTA IBERO-AMERICANA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**, [S. L.], V. 9, N. 4, P. 226–253, 2023. DOI: 10.51891/REASE.V9I4.9168. DISPONÍVEL EM:
48. MAGALHÃES, NANCYALESSIO.(2013), “FIOS DE TESTEMUNHOS DE LUTAS: MEMÓRIA, IMAGEM E HISTÓRIA ORAL” INMARCAS DA TERRA, MARCAS NA TERRA. UM ESTUDO DA TERRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO -GUARANTÃ DO NORTE-MT(1984-1990). BRASÍLIA, ED. UNB
49. MARX, KARL. MANUSCRITOS ECONOMICOS-FILOSOFICOS. TRADUÇÃO: ALEX MARINS. SÃO PAULO. **EDITORIA MARTIN CLARET**.2006.
50. MATTOS, C. M. Z. DE, GROSSI, P. K., KAEFER, C. T., & TERRA, N. L. (2016). O ENVELHECIMENTO DAS PESSOAS IDOSAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE, RS, BRASIL. **REVISTA KAIRÓS GERONTOLOGIA**, 19(3), PP. 205-224.
51. MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F.. QUEM VOCÊS PENSAM QUE (ELAS) SÃO? - REPRESENTAÇÕES SOBRE AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA. **PSICOLOGIA & SOCIEDADE**, V. 16, N. 2, P. 47–58, MAIO 2004.



52. MATTOS, R.M.. PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO INDIVÍDUO EM SITUAÇÃO DE RUA: DA RUALIZAÇÃO À SEDENTARIZAÇÃO. PESQUISA (INICIAÇÃO CIENTÍFICA). SÃO PAULO: UNIVERSIDADE SÃO MARCOS, 2003.
53. MEIHY, J. C. S. B. MANUAL DE HISTÓRIA ORAL. SÃO PAULO: LOYOLA, 2005.
54. MENDES, M. R. S. S. B. ET AL. A SITUAÇÃO SOCIAL DO IDOSO NO BRASIL: UMA BREVE CONSIDERAÇÃO. **ACTA PAULISTA DE ENFERMAGEM**, V. 18, N. 4, P. 422–426, DEZ. 2005.
55. MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. ANÁLISE QUALITATIVA: TEORIA, PASSOS E FIDEDIGNIDADE. **CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA [ONLINE]**. 2012, V. 17, N. 3 [ACESSADO 14 MAIO 2024], PP. 621-626. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S1413-81232012000300007](https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007)>. EPUB 13 NOV 2012. ISSN 1678-4561. [HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S1413-81232012000300007](https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007)
56. MINÓ, NÁDIA MAROTA; MELLO, RITA MÁRCIA ANDRADE VAZ DE. REPRESENTAÇÃO DA VELHICE: REFLEXÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E ESTIGMATIZAÇÃO DOS IDOSOS. **OIKOS: FAMÍLIA E SOCIEDADE EM DEBATE**, V. 32, N. 1, P.273-298, 2021
57. MORAGAS R. GERONTOLOGIA SOCIAL: ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA. SÃO PAULO. **PAULINAS**.1997.
58. MORATELLI, V. REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA VELHICE: UMA NARRATIVA DE EXCEÇÃO EM TELENOVELAS. **TEMATICAS**, CAMPINAS, SP, V. 29, N. 57, P. 208–234, 2021. DOI: 10.20396/TEMATICAS.V29I57.13712. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://ECONTENTS.BC.UNICAMP.BR/INPEC/INDEX.PHP/TEMATICAS/ARTICLE/VIEW/13712](https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13712).
59. MORERIA G.S; HACK N.S; POLÍTICAS PÚBLICAS E OS DIREITOS DO IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL, **CADERNO HUMANIDADES EM PERSPECTIVAS**, CURITIBA, V. 5, N. 12, P. 100-112, 2021
60. NATALINO, MARCO, ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL (2012-2022), NOTA TÉCNICA, BRASÍLIA, **INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA)** ANO: 2022 EDIÇÃO 1^a
61. NOTA TÉCNICA PARA ORGANIZAÇÃO DA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE COM FOCO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE E NA ATENÇÃO AMBULATORIAL



- ESPECIALIZADA - SAÚDE DA PESSOA IDOSA. /SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA ALBERT EINSTEIN. SÃO PAULO: **HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN: MINISTÉRIO DA SAÚDE**, 2019. 56 P.: IL.
62. NUNES NRA, SENNA MCM E CINACCHI GB , POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES E PERSPECTIVAS INTERSETORIAIS1.ED. - PORTO ALEGRE, RS: **EDITORIA REDE UNIDA**, 2022.).
63. OLIVEIRA MA, ALCÂNTARA LB. DIREITO A ALIMENTAÇÃO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E PANDEMIA DA COVID-19. **SER SOC**. 2021;23(48):76- 93.
64. OLIVEIRA R.B; MARTINS V., O RECORTE RACIAL COMO TRAÇO PERMANENTE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL, **REVISTA LIBERTAS**, JUIZ DE FORA, V. 22, N.2, P. 403-421, JUL. / DEZ. 2022 ISSN 1980-8518
65. OLIVEIRA, A. S. TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA, TRANSIÇÃO EPIDEMIOLÓGICA E ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO BRASIL. **HYGEIA - REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA MÉDICA E DA SAÚDE**, UBERLÂNDIA, V. 15, N. 32, P. 69–79, 2019. DOI: 10.14393/HYGEIA153248614. DISPONÍVEL EM: <HTTPS://SEER.UFU.BR/INDEX.PHP/HYGEIA/ARTICLE/VIEW/48614>. ACESSO EM: 14 NOV. 2023.
66. OLIVEIRA, A.; LUBE GUIZARDI, F. A CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA PARA INCLUSÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: AVANÇOS E DESAFIOS DA INTERSETORIALIDADE NAS POLÍTICAS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL. **SAÚDE E SOCIEDADE** , V. 3, 2020.
67. OLIVEIRA, ROBERTA GONDIM ,PRÁTICAS DE SAÚDE EM CONTEXTOS DE VULNERABILIZAÇÃO E NEGLIGÊNCIA DE DOENÇAS, SUJEITOS E TERRITÓRIOS: POTENCIALIDADES E CONTRADIÇÕES NA ATENÇÃO À SAÚDE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE.. **SAÚDE E SOCIEDADE** [ONLINE]. 2018, V. 27, N. 1 [ACESSADO 11 JANEIRO 2025] , PP. 37-50. DISPONÍVEL EM: <<HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0104-12902018170915>>. ISSN 1984-0470. <HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0104-12902018170915>.
68. OMS, WORLD HEALTH ORGANIZATION. WORLD REPORT ON AGEING AND HEALTH GENEVA: WHO; 2015 [ACESSO EM 15 JUN. 2017]. BEARD JR, OFFICER A,



DE CARVALHO IA, SADANA R, POT AM, MICHEL JP, ET AL. THE WORLD REPORT ON AGEING AND HEALTH: A POLICY FRAMEWORK FOR HEALTHY AGEING. **LANCET** [INTERNET]. 2016;387(10033):2145-54.

69. PAIVA, I. K. S. DE . ET AL.. DIREITO À SAÚDE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: REFLEXÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA. **CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA**, V. 21, N. 8, P. 2595–2606, AGO. 2016
70. PETERS MDJ, GODFREY C, MCINERNEY P, MUNN Z, TRICCO AC, KHALIL, H. CHAPTER 11: SCOPING REVIEWS (2020 VERSION). IN: AROMATARIS E, MUNN Z (EDITORS). **JBI MANUAL FOR EVIDENCE SYNTHESIS**, JBI, 2020.
71. PILGER C, MENON MH, MATHIAS TAF. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E DE SAÚDE DE IDOSOS: CONTRIBUIÇÕES PARA OS SERVIÇOS DE SAÚDE, **REV. LATINO-AM. ENFERMAGEM** 19(5):[09 TELAS] SET.-OUT. 2011
72. PRIBERAM, DICCIONARIO ONLINE, DICCIONÁRIO **PRIBERAM** DA LÍNGUA PORTUGUESA 2008-2025.
73. RIBEIRO , DARCY, O POVO BRASILEIRO: A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL DARCY RIBEIRO, GLOBAL EDITORA,1995
74. RIBEIRO. DJAMILA -- O QUE É: LUGAR DE FALA?/ BELO HORIZONTE(MG): LETRAMENTO: JUSTIFICANDO, **GRUPO EDITORIAL LETRAMENTO** ISBN: 978-85-9530-073-6112 P.; 15,9 CM. (FEMINISMOS PLURAIS) 2017.
75. SAGI. (2010). SECRETARIA DE AVALIAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. 1º CENSO E PESQUISA NACIONAL SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA. JÚNIA QUIROGA, **SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE DIREITOS E GARANTIAS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**. MESA: PERFIL DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA. BRASÍLIA, DF
76. SALDANHA, R. M. B. DORMITÓRIO URBANO: “UMA PROBLEMÁTICA SOCIAL (IN)SUSTENTÁVEL” (**DISSERTAÇÃO**). PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL. 2014.
77. SANTOS F.C;DAMICO J.G.S, O MAL-ESTAR NA VELHICE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL, **PENSAR A PRÁTICA** 12/1: 1-9, JAN./ABR. 2009

78. SANTOS M., CAP.7 AS CIDADANIAS MUTILADAS O PRECONCEITO / JULIO LERNER EDITOR. -- SÃO PAULO: **IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO**, 1996/1997

79. SILVA M; NETO M.F.S; APOROFOBIA SÓCIO TERRITORIAL COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA, **BOLETIM DE CONJUNTURA** (BOCA), ANO VI, VOL.17, N.50, BOA VISTA, 2024.
80. SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. "CONTE-ME SUA HISTÓRIA": REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO DE HISTÓRIA DE VIDA. **MOSAICO: ESTUDOS EM PSICOLOGIA**, BELO HORIZONTE, BRASIL, V. 1, N. 1, 2017.
81. SILVA, C. L. ESTUDOS SOBRE POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA: CAMPO PARA UMA COMUNIDADE EPISTÊMICA? 2012. 125 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL) – **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA, SÃO PAULO**, 2012.
82. SOUZA, P., & ARAÚJO, M. C., PROJETO PORTAL DA INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA DOS PARTICIPANTES DO ABRIGO MUNICIPAL EM MARINGÁ – PARANÁ. **EMANCIPAÇÃO**, 7(2), 181- 2007.
83. SPRICIGO L.V., IDENTIDADE DO MORADOR DE RUA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DO OLHAR DO OUTRO. PERCEPCOES DE USUÁRIOS ATENDIDOS PELO CENTRO DE REFERENCIA PARA POPULAÇÃO DE RUA, EMANCIPACAO, **PONTA GROSSA**, V.21, P. 1-14, 2021.
84. TAVARES, R.E.; JESUS M.C.P; MACHADO D.R.; BRAGAV.A.S.; TOCANTINS F.R.; M.A.B.; MERIGHI, ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL NA PERSPECTIVA DE IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA, **REV. BRAS. GERIATR. GERONTOL.**, RIO DE JANEIRO, 2017; 20(6): 889-900
85. TOLONI A.C.C; BOLANDIM P.H.F; O DIREITO À CIDADE DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: REFLEXÃO SOBRE O FENÔMENO DA APOROFOBIA E DAS POLÍTICAS HIGIENISTAS. **ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE PROCESSO COLETIVO E CIDADANIA**, [S. L.], V. 11, N. 11, P. 693–707, 2024.
86. VIANA M.E.; ET AL, VISIBILIDADE DO IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA AO OBITUAR, **X CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO**, JOAO PESSOA, 2023.



87. WILLING MH. LENARDT MH., CALDAS CP. LONGEVITY ACCORDING TO LIFE
HISTORIES OF OLDEST-OLD. **REV BRAS ENFERM.** 2015;68(4):697-704. DOI:

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIEDADE E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Ser para sobreviver: O contexto para pessoas idosas em situação de rua no Distrito-Federal”, de responsabilidade de *Vinicius Vieira da Silva* estudante de *mestrado* da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é *compreender como se apresenta o processo de envelhecimento das pessoas idosas em situação de rua*. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de *entrevista com questionário já elaborado que será conduzido pelo próprio pesquisador, bem como seu preenchimento, ficando apenas sua contribuição oral nesta fase da pesquisa*. E para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em riscos tais como: constrangimento, modificação nas emoções, culpa, perda da autoestima, estresse, cansaço. Estes riscos serão minimizados com as seguintes estratégias: cessação imediata dos questionamentos acerca do trabalho; o apoio psicológico informal e caso julgue necessário, solicitação da presença ou encaminhamento a um profissional que melhor atenda as demandas emocionais geradas pela pesquisa.

Espera-se com esta pesquisa contribuirá para ampliação de conhecimento acerca da temática, benefícios indiretos provenientes da participação na pesquisa, além disso, que contribua para a discussão de políticas públicas na área da saúde, assistência social, moradia, direitos humanos e demais campos correlatos. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone [61-999282023](tel:61-999282023) ou pelo e-mail viniciussv2008@yahoo.com.br

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado “Ser para sobreviver: História de pessoas Idosas em Situação de Rua”, sob responsabilidade de *Vinicius Vieira da Silva* vinculado/a ao/à *Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sociedade e Cooperacão Internacional da Universidade de Brasília*.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, atividades educacionais e científicas*.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____



ANEXO 3

ROTEIRO PARA PESQUISA DE CAMPO

Nome: _____

Local da Entrevista: _____

DATA: ___/___/___ HORA: ___ : ___

| DADOS GERAIS | |
|---------------------|---|
| IDADE | |
| SEXO | |
| ESTADO CIVIL | |
| NATURALIDADE | |
| ETNIA/COR | <input type="checkbox"/> PRETA <input type="checkbox"/> BRANCA <input type="checkbox"/> PARDA <input type="checkbox"/> AMARELA <input type="checkbox"/> INDIGENA |

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ASSINADO

GRAVADO

COMO SE DEU O ENCONTRO ?

A QUANTO TEMPO ESTÁ MORANDO NAS RUAS?

COMO É MORAR NA RUA PARA VOCÊ?

TEM ALGUMA COISA BOA SOBRE O VIVER NA RUA /MORANDO NA RUA? O QUE O SENHOR(A) ME DIZ?

VOCE SE CONSIDERA UMA PESSOA IDOSA?

COMO VOCÊ SE DESCREVE? ISTO É, COMO VOCÊ DIRIA QUEM É VOCÊ PARA ALGUÉM?

O QUE É SER PESSOA IDOSO PARA VOCE E MORAR NAS RUAS?

O QUE É ENVELEHCIMENTO PRA VOCE?

COMO VOCE CUIDA DA SUA SAÚDE?

ALGUMA INSTITUICAO OU SERVICO FORNECE SERVICOS DE AJUDA A VOCE?

QUANTAS REFEICOES VOCE FAZ POR DIA?

E O QUE O SENHOR(A) TEM DE LEMBRANÇAS BOAS DA VIDA?

QUAL SEUS SONHOS?